

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE NUTRIÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO**

**MARIA TEREZA ALBUQUERQUE SILVA**

**A EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL PAUTADA NA LUDICIDADE E NA  
CRIATIVIDADE: RELATO DE VIVÊNCIAS COM OFICINAS DE PRODUÇÕES DE  
MATERIAIS INSTRUCIONAIS LÚDICOS E EDUCATIVOS.**

**RECIFE**

**2025**

**MARIA TEREZA ALBUQUERQUE SILVA**

**A EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL PAUTADA NA LUDICIDADE E NA CRIATIVIDADE: RELATO DE VIVÊNCIAS COM OFICINAS DE PRODUÇÕES DE MATERIAIS INSTRUCCIONAIS LÚDICOS E EDUCATIVOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obtenção de grau de Nutricionista.

Área de concentração: Educação Alimentar e Nutricional.

Orientador(a):Jailma Santos Monteiro

**RECIFE**

**2025**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Maria Tereza Albuquerque .

A educação alimentar e nutricional pautada na ludicidade e criatividade: Relato de vivências com oficinas de produções de materiais instrucionais lúdicos e educativos / Maria Tereza Albuquerque Silva. - Recife, 2025. 67p.

Orientador(a): Jailma Santos Monteiro  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Nutrição - Bacharelado, 2025.

1. Educação Alimentar e Nutricional. 2. Metodologias ativas. 3. Ludicidade . 4. Criatividade . 5. Jogos e brincadeiras . 6. Nutrição . I. Monteiro , Jailma Santos . (Orientação). II. Título.

610 CDD (22.ed.)

MARIA TEREZA ALBUQUERQUE SILVA

**A EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL PAUTADA NA LUDICIDADE E NA CRIATIVIDADE: RELATO DE VIVÊNCIAS COM OFICINAS DE PRODUÇÕES DE MATERIAIS INSTRUCIONAL LÚDICOS E EDUCATIVOS.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obtenção de grau de Nutricionista.

Área de concentração: Educação Alimentar e Nutricional.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>o</sup>. Dr.<sup>a</sup> Jailma Santos Monteiro (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>o</sup>. Dr.<sup>a</sup> Catarine Santos da Silva (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>o</sup>. Dr.<sup>a</sup> Tássia Karin Ferreira Borba (Examinador Externo)

Universidade Federal de Pernambuco

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, fonte suprema de sabedoria e fortaleza, cuja presença guiou meus passos e sustentou minha determinação diante das adversidades.

Aos meus pais e familiares, cuja dedicação, paciência e amor incondicional constituíram o alicerce sobre o qual esta jornada acadêmica foi edificada. Suas palavras e gestos de incentivo foram a luz que iluminou meu caminho.

Aos estimados professores, que, com rigor intelectual e generosidade no compartilhar do saber, inspiraram não apenas o exercício da razão, mas também o cultivo de valores éticos e humanos indispensáveis à vida profissional.

À minha orientadora Jailma Santos Monteiro, pela orientação segura, pela confiança depositada e pela valiosa contribuição para a construção deste trabalho, cuja conclusão é reflexo de um processo de aprendizado enriquecedor e desafiador.

E, por fim, a todos aqueles que, mesmo de maneira silenciosa e discreta, deixaram sua marca nesta trajetória, manifesto meu mais profundo e sincero reconhecimento.

Dedico este trabalho a Deus,  
por iluminar meu caminho e me dar forças para seguir em frente,  
mesmo nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais e familiares, pelo amor incondicional,  
apoio e incentivo em cada etapa desta jornada.

E, com especial gratidão, aos meus professores,  
que não apenas transmitiram conhecimento,  
mas também inspiração,  
paciência e exemplo de dedicação,  
contribuindo de forma essencial para a minha formação pessoal e profissional.

## **Epígrafe**

**"A educação alimentar e nutricional é essencial para a promoção da saúde e a prevenção de doenças."**

— Organização Mundial da Saúde (OMS)



## RESUMO

De acordo com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais e pela demanda de um novo perfil do ensino, nos Cursos de Nutrição, a disciplina de Educação Alimentar Nutricional 1 (EAN1), desenvolve Materiais Instrucionais Lúdicos e Educativos (MILES), por meio de estratégias e metodologias inovadoras, pautados nos princípios da Educação Alimentar e Nutricional (EAN). O trabalho objetiva relatar a experiência vivenciada, na produção de MILES, para a construção do conhecimento, na disciplina de EAN1, do Curso de Graduação em Nutrição da UFPE. Por meio de um processo cíclico e dinâmico de reflexão-ação-reflexão, para a produção dos MILES foram realizadas: aulas expositivas dialogadas; rodas de conversas e oficinas de produção (em grupos de 3 a 5 estudantes). Os estudantes conceberam, planejaram, confeccionaram e compartilharam, em sala de aula, os MILES produzidos. Os MILES após revisados, pelos professores e pela monitora, foram catalogados e integrados ao acervo da Ludoteca de EAN, no Espaço de Arte e Cultura em Educação Popular em Saúde, do Laboratório de Nutrição e Saúde Pública do Departamento de Nutrição da UFPE. Os MILES são disponibilizados, por meio de empréstimos, à locais de estágios; escolas públicas; Organizações Não Governamentais (ONGs); projetos de Extensão a serem utilizados em atividades educativas. Assim, a ludicidade ligada ao ato de brincar, e a criatividade, definida como a habilidade de criar; inovar; propor soluções criativas às situações cotidianas, foram aplicadas, por meio de metodologias ativas, promovendo um aprendizado mais significativo, atrativo e engajador, no desenvolvimento de competências essenciais a formação do nutricionista, valorizando uma maior aproximação com a realidade sócio cultural da população brasileira

Palavras-chave: Educação Alimentar e Nutricional. Metodologias ativas. Ludicidade e criatividade.

## **ABSTRACT**

In accordance with the new National Curriculum Guidelines and the demand for a new teaching profile in Nutrition courses, the discipline of Nutritional Education 1 (NE1) develops Playful and Educational Instructional Materials (MILES) through innovative strategies and methodologies, based on the principles of Food and Nutritional Education (FNE). The work aims to report the experience of producing MILES for knowledge construction in the NE1 discipline of the Undergraduate Nutrition Course at UFPE. Through a cyclic and dynamic process of reflection-action-reflection, the production of MILES involved: dialogued expository classes; discussion circles and production workshops (in groups of 3 to 5 students). The students conceived, planned, produced, and shared the created MILES in the classroom. After being reviewed by the professors and the monitor, the MILES were cataloged and integrated into the FNE Toy Library collection at the Art and Culture Space in Popular Health Education, part of the Public Nutrition and Health Laboratory of the UFPE Nutrition Department. The MILES are made available, through loans, to internship locations; public schools; NGOs; and Extension projects to be used in educational activities. Thus, playfulness linked to the act of playing, and creativity, defined as the ability to create; innovate; and propose creative solutions to everyday situations, were applied through active methodologies, promoting more significant, attractive, and engaging learning, in the development of essential competencies for the nutritionist's training, valuing a greater approximation with the sociocultural reality of the Brazilian population.

**Keywords:** Food and Nutritional Education. Active methodologies. Playfulness and creativity..

## **LISTA DE ABREVIACÕES**

BRASIL – República Federativa do Brasil

CRAS – Centro de Referência da Assistência Social

CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social

EAN – Educação Alimentar e Nutricional

FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

MEC – Ministério da Educação

MILES – Materiais Instrucionais Lúdicos e Educativos

MS – Ministério da Saúde

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONG - Organização Não Governamental

PNAN – Política Nacional de Alimentação e Nutrição

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PNSAN – Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

SUS – Sistema Único de Saúde

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>15</b>
2.1. . A Ciência da Nutrição e a formação do nutricionista, no Brasil.....	15
2.2. . A evolução do conceito e da prática da EAN, enquanto campo da ciência, do ensino e da extensão.....	16
2.3. A ludicidade e a criatividade na EAN.....	23
<b>3. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>25</b>
<b>4. Objetivo.....</b>	<b>26</b>
<b>4.1 Objetivo Geral:.....</b>	<b>26</b>
<b>4.2. Objetivos Específicos:.....</b>	<b>26</b>
<b>5. METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
5.1 Delineamento do caminho metodológico: descrição da experiência.....	27
5.2. Concepção, planejamento, confecção e apresentação dos MILES.....	27
<b>6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>30</b>
6.1. ANÁLISE DISCIPLINA EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL.....	30
6.1.1. Objetivos e competência.....	30
6.1.2. Estratégias metodológicas de ensino aprendizagem, desenvolvidas na disciplina de EN1...35	
6.1.3. Limitações e avanços da disciplina.....	36
6.2. ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE MILES.....	41
6.2.1. Análise das estratégias e metodologias educativas utilizadas na produção de MILES.....	41
6.2.2. Jogos e brincadeiras produzidos pelos estudantes da disciplina EAN1, do Curso de Graduação em Nutrição da UFPE.....	46
<b>7. CONCLUSÃO.....</b>	<b>59</b>
<b>---REFERÊNCIAS.....</b>	<b>61</b>
<b>---ANEXOS E APÊNDICES.....</b>	<b>62</b>
----APÊNDICE 1 – FICHA DE CATALOGAÇÃO DOS MATERIAIS INSTRUCIONAIS LÚDICOS E EDUCATIVOS (MILES).....	62
FICHA DE CATALOGAÇÃO DO MATERIAL INSTRUCIONAL LÚDICO E EDUCATIVO (MILE).....	63
----APÊNDICE 2 – ROTEIRO DAS OFICINAS DE PRODUÇÃO DE MILES.....	64
ROTEIRO DA OFICINA DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS LÚDICOS E EDUCATIVOS.....	64
----ANEXO 1 – FOTOGRAFIAS DOS MATERIAIS INSTRUCIONAIS LÚDICOS E EDUCATIVOS (MILES).....	65
----ANEXO 2 – INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO.....	65
FICHA DE AVALIAÇÃO DE MATERIAL INSTRUCIONAL LÚDICO E EDUCATIVO (MILE).....	65

## 1. INTRODUÇÃO

De modo a atender às necessidades de ampliar e fortalecer a promoção, proteção e recuperação da saúde e da nutrição na atualidade, o Conselho Nacional de Educação, órgão colegiado ao Ministério da Educação, instituiu novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de graduação em Nutrição, trazendo uma readequação de perfil para esses futuros profissionais (Brasil, 2017).

De acordo com as novas DCN, o novo perfil do nutricionista deverá estar alicerçado em um modelo de Atenção à Saúde, centrado na pessoa e não mais apenas nos aspectos biológicos e fisiopatológicos, propondo uma formação holística, generalista, humanista, crítica e reflexiva, pautada em princípios éticos e científicos e que possibilite capacitar o formando para atuar em diferentes atividades nas redes de Atenção à Saúde. A referida resolução também indicou a necessidade da inserção de novas metodologias de ensino-aprendizagem, propiciando a aprendizagem significativa e valorizando uma maior aproximação com a realidade sócio econômica e cultural da população brasileira. Motivado então pelas novas DCN e pela demanda de novo perfil do ensino, em nível de graduação, a disciplina de Educação Alimentar Nutricional 1 vem desenvolvendo estratégias, metodologias inovadoras, bem como a produção de Materiais Instrucionais Lúdicos e Educativos (MILES), com o intuito de atender a esse novo perfil de formação do Nutricionista, na área da Educação Alimentar e Nutricional (EAN).

No contexto da realização do Direito Humano à Alimentação Adequada e da garantia da Segurança Alimentar e Nutricional, Educação Alimentar e Nutricional (EAN), é:

[...]Um campo de conhecimento e de prática contínua e permanente, transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional que visa promover a prática autônoma e voluntária de hábitos alimentares saudáveis. A prática da EAN deve fazer uso de abordagens e recursos educacionais problematizadores e ativos que favoreçam o diálogo junto a indivíduos e grupos populacionais, considerando todas as fases do curso da vida, etapas do sistema alimentar e as interações e significados que compõem o comportamento alimentar (BRASIL, 2012a).

A EAN desempenha um papel essencial na promoção da saúde e na prevenção de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), especialmente em um cenário global marcado pelo aumento da obesidade e de hábitos alimentares inadequados (POPIN et al., 2012). No entanto, as abordagens tradicionais de EAN, frequentemente baseadas em informações

teóricas e prescrições dietéticas, têm mostrado ser pouco eficazes. Por esse motivo, surge uma nova proposta para a construção de estratégias e metodologias educativas inovadoras, que proporcionem o aprendizado significativo e que valorizem uma maior aproximação com a realidade sócio econômica e cultural da população brasileira.

É neste contexto que a ludicidade e a criatividade surgem, como uma ferramenta poderosa, oferecendo uma abordagem mais atrativa e eficaz para a EAN. Ludicidade é um conceito que está relacionado a manifestação do lúdico, ou seja, ao ato de brincar, de se divertir e de explorar o mundo de forma lúdica. É uma palavra que deriva do latim “*ludus*”, que significa jogo, e está associada à ideia de prazer, de liberdade e de espontaneidade. A ludicidade está presente em diversas áreas da vida, como na educação, na psicologia, na terapia e até mesmo no trabalho (SILVA, 2012). A ludicidade, presente desde as civilizações antigas como forma de aprendizado e socialização, passou a ser reconhecida no século XX como ferramenta pedagógica relevante. Piaget (1999) destacou o papel do jogo no desenvolvimento cognitivo infantil, defendendo que o brincar contribui diretamente para a assimilação do conhecimento.

Além disso, a ludicidade desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral da criança. Autores como Brougère (2006) destacam que o brinquedo e a brincadeira são elementos culturais que permitem à criança assimilar conhecimentos e internalizar valores da sociedade em que está inserida. Nesse sentido, a escola, especialmente a Educação Infantil, tem um papel fundamental na promoção de ambientes nos quais a ludicidade seja explorada de forma pedagógica, contribuindo para a construção de valores, aprendizado e interação social (OLIVEIRA, 2012). No entanto, a ludicidade não é importante apenas para as crianças. Os jovens, adultos e idosos também podem se beneficiar do brincar, pois ele proporciona momentos de descontração, de relaxamento e de prazer (SILVEIRA, 2017). Além disso, a ludicidade pode ser utilizada como uma ferramenta terapêutica, auxiliando no tratamento de diversas condições, como o estresse, a ansiedade e a depressão. O ato de brincar permite que as pessoas se conectem consigo mesmas, com suas emoções e com o momento presente, promovendo a saúde física e mental. Portanto, é fundamental valorizar e incentivar a ludicidade em todas as fases da vida, pois ela proporciona momentos de prazer, de aprendizagem e de bem-estar. (FERREIRA; WILLIAMS, 2008).

A criatividade é uma habilidade humana que envolve a capacidade de criar, inovar e produzir ideias originais e únicas. É a capacidade de pensar de forma não convencional, de

encontrar soluções criativas para problemas e de expressar-se de maneira original e autêntica. A criatividade está presente em todas as áreas da vida, desde a arte e a música até a ciência e os negócios (ANTUNES, 2012).

A criatividade é também considerada a habilidade de transformar ideias em realidade, de encontrar soluções inovadoras para problemas e de expressar-se de maneira única. Por isso a criatividade desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento cognitivo. O processo criativo permite às pessoas encontrarem soluções para problemas complexos; ajuda a inovar e a criar coisas novas, permite a expressão da individualidade e da autenticidade. A criatividade também é essencial para o desenvolvimento pessoal e profissional, pois permite a flexibilidade e a adaptação às mudanças, frente a situações adversas (ANTUNES, 2012).

A ludicidade e a criatividade, aplicadas por meio de metodologias ativas, têm se destacado como alternativas eficazes para engajar estudantes e promover a construção do conhecimento de forma significativa (COSTA; PINHO, 2009). Esses métodos contrastam com o modelo tradicional de ensino, valorizando a interatividade e a participação, o que facilita a assimilação de conteúdos complexos e promove o desenvolvimento de competências cognitivas e sociais (FAUSTINO et al., 2022).

No âmbito da EAN, a aplicação da ludicidade e da criatividade, desenvolvidas por meio de estratégias e metodologias inovadoras, ativas e participativas, tem se mostrado eficaz na promoção de práticas alimentares saudáveis, além de ser uma forma de tornar o aprendizado sobre nutrição mais interessante e motivador, facilitando a adoção de comportamentos alimentares positivos (SANTOS, et al., 2012). O uso de Materiais Instrucionais Lúdicos e Educativos (MILES) contribui para o desenvolvimento de habilidades essenciais, como o trabalho em equipe e a comunicação, competências cada vez mais valorizadas no contexto educacional e profissional, na Nutrição. (SANTOS, et al., 2021; FAUSTINO et al., 2022).

Sendo assim, esse trabalho busca explorar o potencial da ludicidade e da criatividade na EAN, analisando diferentes abordagens e estratégias que podem ser adotadas em diversos contextos educacionais, como escolas, unidades de saúde e comunidades. Serão discutidos os benefícios e desafios da utilização da ludicidade e da criatividade, bem como as perspectivas futuras para a pesquisa e a prática nessa área, destacando o impacto positivo que o uso de jogos, brincadeiras, dinâmicas, produções artísticas e culturais, pode ter na formação na

construção do conhecimento e no desenvolvimento de competências sociais e profissionais, no Curso de Nutrição.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1. A Ciência da Nutrição e a formação do nutricionista, no Brasil.**

A história da Nutrição remonta à Antiguidade, quando as civilizações egípcia, grega e romana começaram a perceber a importância dos alimentos para o bem-estar humano. No entanto, foi apenas com o advento da bioquímica, no século XIX, com contribuições significativas de cientistas como Justus von Liebig e Louis Pasteur, que a Nutrição passou a ser reconhecida como uma ciência. A Nutrição moderna surge no século XX, com o avanço do conhecimento sobre os processos biológicos e metabólicos que envolvem os nutrientes e suas funções no organismo humano, consolidando-se como uma área acadêmica e profissional (SANTOS, 2022).

No Brasil, a Nutrição como ciência começou a se estruturar na década de 1930, com a criação dos primeiros cursos de Nutrição e a formação de profissionais especializados. Durante esse período, a Nutrição se consolidou no contexto das políticas públicas voltadas para a saúde e alimentação da população. A criação do Departamento de Nutrição da Escola Paulista de Medicina em 1937 foi um marco importante no fortalecimento da área, que se expandiu com a implantação de programas como a distribuição de alimentos nutritivos, visando combater a desnutrição e melhorar as condições de saúde da população. A Nutrição, dessa forma, tornou-se uma ferramenta essencial para o desenvolvimento social e econômico do Brasil, tendo em vista as condições de saúde da população brasileira, majoritariamente rural e com acesso limitado a alimentos nutritivos (SANTOS, 2022).

Sendo assim, na década dos anos 30, se iniciaram os estudos sistemáticos sobre a ciência da nutrição, incluindo a educação alimentar (termo empregado na época), período esse, caracterizado por uma produção intelectual direcionada para a alimentação racional como modelo explicativo da ciência da nutrição, em formação. A alimentação racional refere-se à ingestão energética, quantitativa, de alimentos suficientes para que cada biótipo preencha sua plena atividade social, na condição de que esses alimentos, postos em proporção harmônica para a sua perfeita utilização, contenham todas as substâncias necessárias à própria vida: o que produziu o conceito de racionalidade alimentar foi a definição da normatividade



de quatro convenções particulares da linguagem científica – quantidade, qualidade, harmonia e adequação, as quais constituíram finalmente a dietética como matriz teórico-instrumental fundamental (ancorada na fisiologia) através do qual seria decifrado o fenômeno patológico – a fome/subalimentação – trazendo a tona, no cenário brasileiro deste tempo histórico (1934 a 1939), que a norma era não ter regime algum entre pobres e ricos. (LIMA, 1998).

## **2.2. A evolução do conceito e da prática da EAN, enquanto campo da ciência, do ensino e da extensão.**

As origens das bases teóricas e conceituais da EAN no Brasil datam do período de 1934 a 1946. Lima (1998) aponta, com bastante propriedade, uma sequência de fatos e marcos históricos, com o objetivo de recuperar o processo de “gênese e constituição” da EAN, através da análise de literatura especializada sobre alimentação nessa época.

Em 1937, Josué de Castro ampliou o debate sobre a situação alimentar da classe operária urbana em sua obra “A alimentação brasileira à luz da geografia humana”. Nesse cenário, Josué de Castro concluiu que a alimentação dos brasileiros era inadequada mesmo nas classes sociais mais abastadas e isso levou à dedução de que a causa imediata era o salário reduzido e a ignorância: “pobres se alimentavam mal por falta de dinheiro, pobres e ricos comiam mal por ignorância completa do que seria comer bem” (LIMA, 1998).

Entre 1940 a 1946, o foco da educação alimentar era voltado para a orientação e o aconselhamento pautados em regras, ora voltado para a higiene alimentar, ora no âmbito da dietética, não se configurando como um campo disciplinar específico e autônomo, mas como um tema integrante do corpo temático da higiene alimentar (VELOSO, 1940, apud LIMA, 1998).

Ainda sobre esse período, Lima (1998), reflete sobre a situação histórica da EAN: Penso que, no estudo da alimentação e nutrição do brasileiro, não se trata de classificar tal ou qual indivíduo, ou de substituir a expressão “homem-máquina” pela expressão “homem-capital”, ou de identificar a ignorância como elemento de nivelamento entre classes pobres e ricas. Tampouco se trata apenas de distinguir, por exemplo, entre os que possuem os meios de produção e os que não os possuem, entre os que não comem e os que comem erradamente. O que importa é admitir, por hipótese, que tais distinções, entre outras, ocorrem no interior de um sistema sócio-econômico determinado, no qual se estabelecem determinadas relações entre as diferentes classes. As classes têm um conteúdo sócio-cultural específico concreto, no qual se configuram e se expressam não os hábitos alimentares, mas um modo de

conceber o alimento e a vida no interior da cultura global de acordo com o momento histórico a que se referem. Isto poderá projetar um novo campo de visibilidade sobre a questão alimentar, redefinindo o objeto da educação nutricional em bases históricas e propriamente culturais.

Entre 1950 e 1960, o governo brasileiro firmou convênio com o MEC/USAID (United States Agency for International Development), quando a EAN foi utilizada para induzir a população a consumir aqueles alimentos enviados ao país para aliviar os excedentes agrícolas americanos.

Em 1960, a EAN tinha um papel meramente informativo, refletido em uma prática limitada à distribuição de folhetos à população, e à elaboração de materiais relacionados à alimentação, voltada para professores, contendo apenas aspectos de mudanças comportamentais (BOOG, 1997, apud. CAMOSSA et al, 2005).

Outro marco se inicia em 1964, quando as indústrias começaram a se interessar pela pesquisa de produção de novos alimentos a serem introduzidos nos programas de suplementação alimentar e, na sequência, foram instituídas medidas que “privilegiaram a suplementação alimentar, a racionalização do sistema produtor de alimentos e as atividades de combate às carências nutricionais”. Verificou-se que, a partir daí, a Educação Nutricional foi gradativamente subutilizada, o que se agrava nas décadas de 70 e 80. Nesse espaço de tempo, começou-se a acreditar que para se resolver os problemas alimentares era preciso intervir no modelo econômico, deixando de lado os aspectos educativos desse campo do conhecimento (BOOG, 1997, apud. CAMOSSA et al, 2005).

Em nível científico, os trabalhos de Pós-Graduação que começaram a ser produzidos em 1970 enfocam basicamente o reforço do caráter instrumental e técnico da EAN. (LIMA et al., 2003, apud. CAMOSSA et al., 2005).

No período de 1980 e 1990, a visão do pesquisador em nutrição era pautada por uma abordagem intervencionista e técnica, e sua função era a de “moldar, domesticar a população”. Essa visão baseava-se ainda na tese da “ignorância alimentar”, caracterizada por defender a ideia de que os problemas nutricionais se originariam da “ignorância popular” a respeito dos princípios básicos da alimentação, sendo fortalecida pelos preconceitos e tabus alimentares, superstições, vícios de paladar e induções alimentares (LIMA et al., 2003, apud. CAMOSSA et al., 2005).

De acordo com esse contexto histórico, até a década de 90 a EAN foi pouco valorizada como disciplina e como estratégia de política pública. Com o advento das pesquisas realizadas

apontando os hábitos alimentares como um dos fatores determinantes para o aumento das doenças crônicas, a EAN passou a ser considerada como uma medida eficaz para a transformação desses hábitos (RODRIGUES; RONCADA, 2008).

Segundo CAMOSSA et al. (2005), o pesquisador aponta a importância de mais autonomia na pesquisa e, além disso, o papel social do nutricionista como educador, bem como os conteúdos da disciplina, passa a ser criticado pela sua neutralidade histórica e política:

[...]hoje não podemos mais conceber a Educação Nutricional como uma prática de domesticação. O processo de Educação Nutricional é importante para despertar no indivíduo o interesse pela alteração dos seus hábitos alimentares, levando em consideração suas crenças, cultura e seus costumes[...].

O novo enfoque da educação em saúde, que considera o foco do processo educativo no sujeito, em seu contexto, contribuindo para o desenvolvimento de seu espírito crítico e ação transformadora da realidade, poderia sinalizar caminhos para as práticas de educação nutricional que fizessem avançar a simples transmissão do conhecimento para chegar à construção de um caminho partilhado, dialógico, flexível e indagador de conhecimentos entre nutricionista e educando (CAMOSSA et al., 2005, p.351).

Observando a evolução histórica dos acontecimentos, podemos afirmar que a EAN passou a ser mais valorizada, contudo, segundo Rodrigues e Roncada (2008), às suas bases teóricas, conceituais e operacionais ainda não estavam claramente estabelecidas. O enfoque da educação nutricional passaria a ser um desafio à prática do nutricionista (CAMOSSA et al., 2005).

Ao longo desse processo, conceitos foram reconstruídos e o repensar das práticas e teorias que motivou diversos autores a expressarem de forma sistemática, novas formas de compreender e fazer a EAN. Esse resgate retrospectivo de conceitos e marcos históricos, proporcionou aprofundar as concepções teóricas e visualizar possíveis caminhos para a EAN, ainda em construção. Nesse sentido, alguns autores, colocam, de forma bem apropriada, a necessidade e a possibilidade da EAN enriquecer-se do campo das ciências humanas, de princípios filosóficos da Educação em geral, tendo como referenciais teóricos a Educação Problematicadora de Paulo Freire, acrescida das contribuições de Edgar Morin e de Francisco Imbernón. (COSTA; MANÇO, 2004; BOOG, 2003;2004, apud. CAMOSSA et al., 2005; VALENTE, 2003).

Costa e Manço (2004) consideram a necessidade de o nutricionista buscar complementar a sua formação inicial, predominantemente biologicista, aprofundando-se na área da Educação para desenvolver qualitativamente o processo da Educação Nutricional a ele

atribuído e, nesse sentido, incorporar a prática da Educação em Saúde de forma mais aprofundada.

Outros autores lançam um olhar crítico mais profundo, em relação às bases teóricas e práticas da EAN tradicional, entre eles, Valente (2003) faz uma análise sobre os conceitos da fome e desnutrição no Brasil e as implicações desses conceitos no processo de elaboração de políticas públicas.

A questão da alimentação, da fome e da má nutrição não pode ser olhada exclusivamente em sua dimensão econômica (acesso à renda), alimentar (disponibilidade de alimentos) ou biológica (estado nutricional). O ato de se alimentar e alimentar familiares e amigos é uma das atividades humanas que mais reflete a enorme riqueza do processo histórico de construção de relações sociais que se constituem no que podemos chamar de “humanidade”, com toda a sua diversidade, e que está intrinsecamente ligado à identidade cultural de cada povo ou grupo social. (VALENTE, 2002, apud. VALENTE, 2003, p 53.).

Com esse olhar mais apurado, Valente (1986, apud. VALENTE, 2003) discute a ingenuidade de se acreditar que com ação isolada de um processo educacional crítico em nutrição conseguiríamos eliminar a fome/desnutrição ou qualquer outro distúrbio nutricional.

Há de se considerar o contexto histórico e social dos determinantes das doenças nutricionais, e o possível fortalecimento dos movimentos populares, no sentido de auxiliar em uma ação social mais eficaz sobre a realidade. a realização do direito humano à alimentação adequada depende de muito mais do que da simples disponibilidade de alimentos, mesmo que saudáveis. Depende do respeito às práticas e hábitos alimentares, do estado de saúde das pessoas, da prestação de cuidados especiais a grupos humanos social e biologicamente vulneráveis (crianças, gestantes, idosos, portadores de necessidades especiais, entre outros) e de estar inserido em um processo de construção da capacidade de todo o ser humano de alimentar e nutrir a si próprio e à sua família, com dignidade, a partir do seu trabalho no campo ou na cidade. Esta conceituação mostra a indivisibilidade e a inter-relação entre o direito humano à alimentação adequada e à nutrição e o direito humano à saúde (VALENTE, 2003, p. 54).

Nesse sentido, há de se concordar que as intervenções educativas não deveriam se desenvolver de forma independente, mas fazendo parte de programas mais amplos destinados a melhorar as condições de saúde, nutrição, nível de renda, ecologia e meio ambiente, entre outros, num contexto de desenvolvimento socioeconômico que tenha por finalidade a melhoria da qualidade de vida da população, constituindo uma ação global para o

desenvolvimento. A educação nutricional deveria ser parte dessa estratégia para o desenvolvimento, e não um fim em si mesma (FAO, 1999; ANDRIEN; BEGHIN, 2001).

As características limitantes das práticas desenvolvidas, ainda na década dos anos 90, levaram de um lado, a resultados questionáveis, de outro, a desqualificação da Educação Nutricional enquanto sua legitimidade e o seu papel, sendo pouco valorizada como área do conhecimento acadêmico, como disciplina e como uma estratégia de Política Pública (COSTA; MANÇO, 2004; RODRIGUES; RONCADA, 2008) .

Contudo, o avanço dos resultados de pesquisas que se iniciaram nesse período, apontavam que hábitos e práticas alimentares eram fatores determinantes para correlacionadas as doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs), passando a EAN a ser reconhecida como uma estratégia para a formação de bons hábitos e práticas alimentares e de prevenção das DNCTs (MONTEIRO, et al., 2012).

Inicia-se então, uma renovação no Processo de Promoção à Saúde e o fortalecimento da Educação em Saúde, pautada na visão de Paulo Freire (MONTEIRO, et al., 2012): uma visão educativa crítica, contextualizada, com relações horizontais, valorizando saberes e práticas populares.

Esse movimento se reflete na EAN que passa a ser reconhecida como uma área do saber, uma disciplina e uma das estratégias de importância vital para o enfrentamento dos problemas alimentares e nutricionais, no contexto social e histórico da época. A partir daí surge o reconhecimento da necessidade de implementação de Políticas Públicas, programas e ações que possibilitem a realização progressiva do DHAA, definindo, para isso, metas, recursos e indicadores de monitoramento destas iniciativas.

Nesse sentido, a EAN passa a ser tema de discussões na esfera acadêmica e é apresentada com um novo olhar de atuação, de valorizando a ênfase no sujeito, na democratização do saber, na cultura, na ética e na cidadania (LIMA; OLIVEIRA; GOMES, 2003, apud. BRASIL, 2012a; CAMOSSA et al., 2005, apud. BRASIL, 2012a).

Na área da Saúde, a EAN avança, passando a ser considerada uma das estratégias para a Promoção da Saúde, inserida na Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN) em 1999, prevista de maneira transversal e detalhada na Diretriz 4: Promoção de práticas alimentares e estilos de vida saudáveis. No texto atual da PNAN a EAN está presente, de maneira transversal, em todas as Diretrizes, priorizando também a elaboração e pactuação de uma agenda integrada e intersetorial de Educação Nutricional (BRASIL, 2013a).

A EAN está ainda presente em outras políticas e documentos normativos de Saúde: Política Nacional de Promoção de Saúde – PNPS (BRASIL, 2010a); Plano de ações estratégicas para o enfrentamento das Doenças Crônicas Não-Transmissíveis (DCNT) (BRASIL, 2011a) e a Portaria 1010/2006 que em parceria com o Ministério da Educação, estabelece as bases da promoção de alimentação saudável nas escolas (BRASIL, 2006b).

No campo da SAN, o desafio da Educação Nutricional era ultrapassar os limites das ações dirigidas ao consumo de alimentos e impacto na saúde e estendê-las às dimensões que abrangem os modos de produção e o abastecimento de alimentos. Sendo assim, o Plano de SAN tem como um dos seus objetivos a qualificação da rede de equipamentos públicos de SAN com a articulação do Programa de Aquisição de Alimentos (BRASIL, 2011b).

Nesse cenário, um novo marco histórico e conceitual se apresenta configurado, por um lado, pela complexidade do Sistema Alimentar, pela multideterminação do comportamento alimentar e das práticas alimentares e, de outro, pela demanda de ações públicas significativas, eficazes e participativas que é explicitado no Marco de Referência da EAN para as Políticas Públicas.

Com isso surge um novo e abrangente conceito que considera os aspectos da evolução histórica e política da EAN no Brasil, as múltiplas dimensões do alimento e da alimentação e os diferentes campos de saberes e práticas conformando uma ação que integre conhecimentos científico e popular (BRASIL, 2012a).

Nessa perspectiva, o termo Educação Alimentar ou Educação Nutricional passa a ser Educação Alimentar e Nutricional, considerando a ampliação do escopo das ações que abrangem, desde os aspectos relacionados ao alimento, a alimentação, produção, abastecimento e transformação, aos aspectos nutricionais.

No contexto da realização do Direito Humano à Alimentação Adequada e da garantia da Segurança Alimentar e Nutricional, Educação Alimentar e Nutricional (EAN), é:

[...]Um campo de conhecimento e de prática contínua e permanente, transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional que visa promover a prática autônoma e voluntária de hábitos alimentares saudáveis. A prática da EAN deve fazer uso de abordagens e recursos educacionais problematizadores e ativos que favoreçam o diálogo junto a indivíduos e grupos populacionais, considerando todas as fases do curso da vida, etapas do sistema alimentar e as interações e significados que compõem o comportamento alimentar (BRASIL, 2012 a).

Diante dessa nova concepção a EAN percorre por diversos setores, a exemplo: na SAN, está pautada nos princípios do SISAN; na Saúde, nos princípios do SUS; na Educação, nos princípios da PNAE, na rede de Assistência Social, nos princípios do SUS.

A esses princípios estruturantes para as ações de EAN, estão inseridos: I) a sustentabilidade social, ambiental e econômica; II) a abordagem do sistema de alimentar, na sua integralidade; III) a valorização da cultura alimentar local e respeito a diversidade de opiniões e perspectivas, considerando a legitimidade dos setores de diferentes naturezas; IV) a comida e o alimento como referências: valorização da culinária enquanto prática emancipatória; V) a promoção do autocuidado e da autonomia; VI) a Educação enquanto processo permanente, gerador de autonomia e participação ativa, formadora dos sujeitos; VII) a diversidade dos cenários de práticas; VIII) a Intersetorialidade; IX) o planejamento, a avaliação e o monitoramento das ações (BRASIL, 2007, apud. BRASIL, 2012a).

A partir do Marco de Referência da EAN para as Políticas Públicas, a EAN entra em consonância com um conceito mais ampliado de alimentação saudável, que passa a considerar, além de outras coisas, as questões ambientais e ecológicas, a saber:

A alimentação saudável deve atender aos princípios ou “leis da alimentação” da quantidade, da qualidade, da adequação e da harmonia, suprimindo de forma equilibrada o total calórico e de nutrientes necessários ao organismo, respeitando as diferenças individuais e/ou coletivas relativas às características biológicas como idade, peso, altura, estado fisiológico e também às características socioeconômicas e culturais como gênero, etnia e preferências pessoais. A alimentação adequada e saudável também deve atender às formas de produção de alimentos sócio e ambientalmente sustentáveis, livres de contaminantes físicos, químicos, biológicos, orgânicos e oriundos da biotecnologia (BRASIL, 2007, apud. BRASIL, 2012).

Nos anos 1990, a EAN passou a ser incorporada em políticas públicas no Brasil e em outros países, com a criação de programas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que tem como objetivo promover a alimentação saudável nas escolas públicas, por meio de estratégias educativas (BRASIL, 2015). Esse período também foi marcado pela maior participação da sociedade civil no debate sobre a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), que passou a ser abordado de forma mais abrangente, considerando as questões socioeconômicas e culturais que influenciam as escolhas alimentares da população. A Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN), instituída no Brasil em 2006, foi um marco nesse contexto, ao integrar a EAN em ações de saúde pública, com foco na promoção da saúde e na prevenção de doenças (BRASIL, 2011).

A EAN, ao longo dos anos, passou a ser reconhecida como uma prática pedagógica eficaz na formação de hábitos alimentares saudáveis. No Brasil, ela está presente em programas de saúde pública, na educação escolar e em ações de atenção básica à saúde, com o

objetivo de reduzir a incidência de doenças como a obesidade, diabetes e hipertensão, que têm suas origens diretamente relacionadas à alimentação inadequada (BRASIL, 2013).

As políticas públicas no Brasil, como o PNAE e a PNSAN, refletem o compromisso do Estado com a alimentação e a nutrição, que é considerada um direito de todos os cidadãos, principalmente das populações mais vulneráveis. A evolução da Ciência da Nutrição e da EAN, reflete não apenas os avanços científicos e tecnológicos, mas também as mudanças na forma como a sociedade lida com os desafios alimentares e nutricionais, buscando soluções sustentáveis para um futuro mais saudável (BRASIL, 2011; BRASIL, 2015).

### **2.3. A ludicidade e a criatividade na EAN**

Historicamente, a ludicidade tem raízes profundas nas civilizações antigas. Já nas primeiras sociedades, o ato de brincar era visto como uma forma de aprendizado e socialização, um processo de internalização das normas culturais e sociais. No entanto, foi somente com os avanços das teorias educacionais no século XX que o lúdico passou a ser reconhecido como uma ferramenta pedagógica importante. Piaget (1999) foi um dos primeiros teóricos a destacar o papel do jogo no desenvolvimento cognitivo das crianças, defendendo que o brincar não é apenas um momento de diversão, mas um processo que contribui para a assimilação do conhecimento.

No contexto da Educação Alimentar e Nutricional, o uso do lúdico começou a se desenvolver mais formalmente a partir das décadas de 1970 e 1980, quando se intensificaram as campanhas de saúde pública e as políticas educacionais voltadas para a alimentação saudável. Durante esse período, a abordagem lúdica começou a ser integrada aos programas de saúde como uma forma de tornar o aprendizado mais acessível e atraente, especialmente para crianças. A utilização de jogos, músicas, dinâmicas de grupo, produções artísticas e literárias e outras atividades lúdicas passou a ser vista como uma forma de estimular a participação ativa dos alunos, facilitando a compreensão de conceitos complexos sobre nutrição e saúde de maneira divertida e envolvente.

A crescente preocupação com a obesidade infantil e as doenças relacionadas à alimentação inadequada nas décadas de 1990 e 2000 impulsionou a integração do lúdico de maneira mais robusta na Educação Alimentar e Nutricional. No Brasil, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), criado em 1955, começou a incorporar atividades lúdicas



em suas ações para promover a alimentação saudável nas escolas públicas. Além disso, a criação de programas de educação nutricional nas escolas foi um marco importante na consolidação do lúdico como ferramenta pedagógica. Essas iniciativas visavam não apenas a distribuição de alimentos, mas também a educação das crianças e adolescentes sobre as escolhas alimentares, utilizando jogos e atividades que tornavam o aprendizado mais significativo.

A teoria de Vygotsky (1998) sobre o desenvolvimento social e cultural da criança também influenciou fortemente a aplicação do lúdico na educação alimentar e nutricional. Segundo Vygotsky, o jogo é uma atividade essencial para o desenvolvimento intelectual, pois permite que a criança explore e reinterprete a realidade em um ambiente seguro e controlado. Essa perspectiva se alinha com as práticas de Educação Alimentar e Nutricional, onde o lúdico não apenas transmite informações sobre nutrição, mas também estimula a reflexão sobre hábitos alimentares e promove a construção de uma identidade saudável.

Nos anos 2000, com o avanço das tecnologias e a popularização de recursos digitais, o lúdico na EAN se expandiu para além das brincadeiras tradicionais, incorporando jogos digitais e outras ferramentas interativas que atraíam as crianças e adolescentes de uma forma mais moderna. O uso de aplicativos e plataformas online para ensinar sobre alimentação saudável, por exemplo, passou a ser uma tendência crescente, alinhada às novas formas de consumo de conteúdo educacional. Além disso, a utilização do lúdico na EAN passou a ser reconhecida como uma forma de abordar questões culturais e sociais, como as normas de gênero e a diversidade alimentar, ampliando a perspectiva da nutrição para além da saúde física, mas também para a construção de uma educação nutricional mais inclusiva e reflexiva.

A ludicidade e a criatividade, na EAN, também foi incorporada em projetos de extensão universitária, como os realizados por universidades públicas no Brasil, que começaram a utilizar o lúdico como estratégia para envolver comunidades de diferentes faixas etárias em práticas de saúde. Programas de extensão como esses mostraram a eficácia de métodos como teatro, oficinas e outras atividades interativas na disseminação de informações sobre nutrição e saúde (MONTEIRO, et al.,2012).

Hoje, o uso de estratégias lúdicas na EAN é amplamente reconhecido como um meio de promover mudanças duradouras nos hábitos alimentares das crianças e adolescentes. O brincar, como atividade pedagógica, permite que as informações sobre nutrição sejam

internalizadas de forma mais natural e prazerosa, favorecendo a construção de uma relação positiva com os alimentos e contribuindo para a formação de hábitos alimentares saudáveis. A incorporação do lúdico nas práticas de EAN continua a evoluir, refletindo a busca por métodos cada vez mais inovadores e eficazes na EAN (GORSKI; CAPUTO, 2020).

A criatividade é também considerada a habilidade de transformar ideias em realidade; de encontrar soluções inovadoras para problemas complexos; de possibilitar a expressão da individualidade e da autenticidade [...], pois permite a flexibilidade e a adaptação às mudanças frente a situações adversas" (ANTUNES, 2012).

A ludicidade e a criatividade, aplicadas por meio de metodologias ativas, têm se destacado como alternativas eficazes para engajar estudantes e promover a construção do conhecimento de forma significativa (COSTA; PINHO, 2009; MONTEIRO, et al, 2012). Esses métodos contrastam com o modelo tradicional de ensino, valorizando a interatividade e a participação, o que facilita a assimilação de conteúdos complexos e promove o desenvolvimento de competências cognitivas e sociais (FAUSTINO et al., 2022).

No âmbito da EAN, a aplicação da ludicidade e da criatividade, desenvolvidas por meio de estratégias e metodologias inovadoras, ativas e participativas, tem se mostrado eficaz na promoção de práticas alimentares saudáveis, além de ser uma forma de tornar o aprendizado sobre nutrição mais interessante e motivador, facilitando a adoção de comportamentos alimentares positivos (MONTEIRO, et al., 2012). O uso de Materiais Instrucionais Lúdicos e Educativos (MILES) contribui para o desenvolvimento de habilidades essenciais, como o trabalho em equipe e a comunicação, competências cada vez mais valorizadas no contexto educacional e profissional (MONTEIRO, et al., 2012; FAUSTINO et al., 2022).

### **3. JUSTIFICATIVA**

Apesar dos avanços, ainda são escassos os estudos voltados para uma melhor compreensão dos aspectos pedagógicos e do desenvolvimento de estratégias metodológicas, inovadoras, apontando a interface da criatividade e a ludicidade na EAN.

Sendo assim, o presente estudo, reveste-se de importância, uma vez que o profissional Nutricionista, precisa estar capacitado e habilitado a trabalhar com essas temáticas no Curso de Nutrição.

O desenvolvimento desse trabalho e seus resultados representam uma contribuição valiosa às mudanças na formação dos estudantes, considerando que a articulação destas iniciativas podem promover: uma reorientação da formação profissional do nutricionista, assegurando uma abordagem integral dos aspectos educacionais, fortalecendo as transformações nos processos de geração de conhecimentos, ensino-aprendizagem e de prestação de serviços de saúde à população; fomento de grupos de aprendizagem tutorial em áreas estratégicas para o serviço público de saúde, caracterizando-se como instrumento para a qualificação em serviço dos profissionais da saúde, bem como de iniciação ao trabalho e formação de estudantes de cursos de graduação em Nutrição, tendo em perspectiva a qualificação da atenção e a inserção das necessidades dos serviços como fonte de produção de conhecimento, de extensão e de pesquisas nas IES.

#### **4. OBJETIVO**

##### **4.1. Objetivo Geral:**

Relatar a experiência, no desenvolvimento de Materiais Instrucionais Lúdicos Educativos, como de estratégias e metodologias educativas, para a construção do conhecimento, na disciplina de Educação Alimentar e Nutricional do Curso de Graduação em Nutrição da UFPE.

##### **4.2. Objetivos Específicos:**

Registrar as atividades realizadas na disciplina, referentes a produção de MILES;

Analisar as vivências, durante a realização das aulas teóricas expositivas, dialogadas; das rodas de conversas e das oficinas de produção de MILES;

Analisar como se dão as práticas pedagógicas, referentes à utilização de estratégias e metodologias inovadoras, por meio do uso de MILES, na disciplina ;

Verificar se as estratégias e metodologias pedagógicas utilizadas foram capazes de motivar e facilitar o aprendizado, tornando esse processo mais prazeroso e estimulando os estudantes a superarem os seus próprios resultados de aprendizagem;

Avaliar os fundamentos filosóficos, as temáticas, estratégias e metodologias pedagógicas, objetivos e conteúdos relacionados aos MILES produzidos na disciplina de EAN1.

Propor mudanças na prática pedagógica da disciplina Educação Alimentar Nutricional 1, atendendo às diretrizes do Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Nutrição concernente ao desenvolvimento da temática em questão;

## **5. METODOLOGIA**

### **5.1. Delineamento do caminho metodológico: descrição da experiência.**

Trata-se de um relato de experiência, vivenciado durante a realização da disciplina de Educação Alimentar Nutricional 1 do curso de Graduação em Nutrição, que contou com a elaboração de MILES correlacionados aos diversos temas abordados ao longo da disciplina. A disciplina em questão é ministrada no 5º período do curso, com carga horária total de 60 horas e conta com 30 horas teóricas e 30 horas práticas, composta por 27 estudantes no período de 2024.2, um monitor, um professor substituto e uma professora efetiva.

A estratégia de ensino-aprendizagem adotada na disciplina levou em consideração as concepções de Paulo Freire, propondo uma educação libertadora, problematizadora, dialógica e reflexiva, nos quais os discentes se tornam protagonistas dos seus próprios processos de aprendizagem.

### **5.2. Concepção, planejamento, confecção e apresentação dos MILES**

Por meio de um processo cíclico e dinâmico de reflexão-ação-reflexão, foram realizadas aulas teóricas expositivas dialogadas; rodas de conversas e oficinas de produção. (ANASTASIOU, L.; ALVES, L. 2006.).

**Aula expositiva dialogada**, consiste em um tipo de aula onde o professor quebrará a postura passiva dos seus alunos, por meio da introdução de questionamentos a serem respondidos pelos alunos, dinamizando a atividade em sala de aula. É uma estratégia didática de exposição do conteúdo, com a participação ativa dos estudantes, cujo conhecimento prévio deve ser considerado e pode ser tomado como ponto de partida. O professor leva os estudantes a questionarem, interpretar e discutirem o objeto de estudo, a partir do reconhecimento e do confronto com a realidade. Deve favorecer análise crítica, resultando na produção de novos

conhecimentos. Propõe a superação da passividade e imobilidade intelectual dos estudantes

Durante as aulas expositivas dialogadas, os professores contextualizaram o temas relativos a ludicidade; a criatividade e uso de MILES, na EAN, de modo a mobilizar as estruturas mentais dos estudantes para operar com as informações que estes trouxeram, articulando-as às que foram apresentadas. Para isso, eram feitas as apresentações dos objetivos de estudo da unidade e sua relação com a disciplina. Durante a exposição dos temas, era solicitado aos estudantes, a expressão de conceitos e conhecimentos prévios; exemplos e/ou relatos de vivências experienciadas, no cotidiano dos mesmos, com o objetivo de estabelecer conexões entre as experiências vivenciais dos participantes, o objeto estudado e os conteúdos da disciplina.

Dessa forma, os estudantes foram escutados; expressaram sua realidade e seus conhecimentos prévios, facilitando assim a mediação e a compreensão crítica do assunto; a problematização e as propostas de soluções para as situações referidas.

O foco dessa estratégia foi o diálogo, com espaço para questionamentos, críticas e solução de dúvidas, facilitando a compreensão e a reflexão sobre o que estava sendo tratado, a fim de que uma síntese integradora fosse elaborada por todos.

A introdução de rodas de conversa e de oficinas de produção nos procedimentos educativos são importantes instrumentos na concretização dos objetivos baseados na educação popular. As bases teóricas dessas metodologias são pautadas na metodologia de Paulo Freire, inicialmente utilizada na década de 1950, no Brasil (Furtado e Furtado, 2000).

**As Rodas de Conversa**, na disciplina, consistiram em um método de participação coletiva de debates acerca das temáticas em questão, através da criação de uma conversação, nos quais os integrantes puderam se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos. Teve como principal objetivo motivar a construção da autonomia dos estudantes, por meio da problematização, da socialização dos saberes e da reflexão voltada para a ação. Envolveu um conjunto de troca de experiências, conversas, discussão e divulgação do conhecimento.

**As Oficinas de produção pedagógicas**, segundo Candau (1999), “são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências”. Nesse sentido, o aluno tem a oportunidade de descobrir, debater, socializar e construir conhecimentos em sala de aula, pois as oficinas pedagógicas permitem a vivência de situações concretas. Por meio dessa estratégia, poderá também ser concebido, planejado, elaborado e confeccionado produtos, a exemplo de MILES.(CANDAU, 1999.).

As oficinas permitem a expressão da criatividade, o envolvimento e a sensibilidade dos sujeitos participantes. Nas oficinas o aprendizado é dialético tanto o professor quanto o aluno produzem o conhecimento, conforme Freire:

[...]Aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito[...] (FREIRE, 1998)” .

As descrições das etapas de realização das oficinas de produção de MILES, na disciplina de EAN 1, que se seguem, serviram de guia de orientação metodológica ou percurso metodológico, de uma forma geral, mas nem sempre essa sequência seguiu nesse formato, a depender da natureza da temática e da contextualização dos conteúdos, algumas vezes, as etapas foram realizados concomitantemente.

**Etapas I** - Exposição da temática, por meio de aula dialogada expositiva, visando: a) apresentar o objetivo da aula; b) promover a escuta ativa da expressão de conceitos e conhecimentos prévios dos integrantes; c) estimular a narrativa de exemplos e/ou de relatos de vivências experienciadas, no cotidiano dos mesmos; d) estabelecer conexões entre as experiências vivenciais dos participantes, o objeto estudado e os conteúdos da disciplina; e) facilitar a contextualização, problematização e síntese dos assuntos.

**Etapas II** - Realização de Rodas de conversa para promover diálogo sobre as formas de uso dos MILES; aspectos didáticos; aspectos filosóficos e éticos e objetivos educativos.

**Etapas III** - Realização das oficinas de produção, momento em que as equipes eram organizadas, os conteúdos e temas eram escolhidos e a produção dos MILES eram efetivadas. Mais especificamente:

Os estudantes foram organizados em grupos de trabalho e designados a conceber, planejar, confeccionar e, em data previamente prevista no cronograma da disciplina, apresentar em sala de aula, o MILE produzido.

Para a elaboração dos MILES foi estabelecida uma sequência de atividades:

1) Os estudantes realizaram uma pesquisa bibliográfica sobre o tipo de MILE (jogos, brincadeiras, dinâmicas, vídeos, produções artísticas ou literárias) a ser desenvolvido e sobre o tema ao qual foi designado;

2) Os MILES deveriam ter ambientação, ou seja, os alunos deveriam recriar, situações reais do cotidiano do grupo populacional a que se destinavam;

3) Para cada MILE produzido, os estudantes deveriam seguir as orientações teóricas dos professores e preencher um formulário, contendo informações detalhadas a respeito do MILE produzido (Ver formulário em anexo 2).

**Etapas IV -** Apresentação da produção de MILES em sala de aula, no sentido de compartilhar com os demais grupos e avaliar coletivamente o uso do MILE produzido, por meio de um formulário (Ver formulário em apêndice).

**Etapas V -** Os MILES produzidos eram revisados pelos demais grupos, pelos professores da disciplina e pela monitora e, na sequência, catalogados e integrados ao acervo de MILES da Ludoteca de EAN, no Espaço de Arte e Cultura em Educação Popular em Saúde, no Laboratório de Nutrição e Saúde Pública do departamento de Nutrição da UFPE, Campus Recife.

**Etapas VI-** Esses materiais revisados e catalogados são disponibilizados, por meio de empréstimos, aos estudantes em fase de estágios curricular; aos gestores e professores de escolas públicas e demais instituições de ensino; aos integrantes de ONGs e as equipes responsáveis por projetos de Extensão que necessitem de MILES a serem utilizados em suas atividades educativas.

**Etapas VII -** Elaboração de e-book, ainda em fase de elaboração.

## **6. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **6.1. ANÁLISE DISCIPLINA EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL**

#### **6.1.1. Objetivos e competência**

A disciplina EN1, oferecida no 5º período do Curso de Graduação em Nutrição da UFPE, tem como objetivo integrar conhecimentos teóricos e práticos no campo da Educação, Comunicação, Saúde, Nutrição, sistemas de produção de alimentos, cultura, ecologia e meio

ambiente, ética e bioética, de modo a habilitar e capacitar o estudante ao desenvolvimento da prática educativa nas diferentes áreas de atuação profissional.

De acordo com as Diretrizes Curriculares de Saúde (BRASIL, 2001a), as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição (BRASIL, 2001b), a Resolução do CFN (2018) e com o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Nutrição da UFPE, a disciplina EN1 estabelece competências que se desenvolvem durante o processo de ensino-aprendizagem, em suas três dimensões, pautadas nos pilares da educação (UNESCO, 1996):

- 1) Dimensão do conhecimento : aprender a aprender, (o que aprendo e como aprendo);
- 2) Dimensão das habilidades: aprender a fazer (o que faço com o que aprendo) e
- 3) Dimensão das atitudes: aprender a ser e a conviver (atitudes e comportamentos pautados nos valores humanos e princípios éticos) descritos a seguir:

No domínio do CONHECIMENTO em EAN, o estudante irá contextualizar o estudo da Nutrição e sua relação com o processo educativo, incluindo as bases teóricas da Educação Alimentar e Nutricional (EAN), conceitos, fundamentações teórica e filosóficas, objetivos, princípios básicos, componentes e finalidades. conhecer os aspectos fundamentais das Ciências da Educação, da Pedagogia e da Didática e sua aplicação na EAN; estratégias, os recursos, os métodos e as técnicas educativas, inovadoras, ativas e participativas de natureza trans e interdisciplinar. Desse modo, ao final da disciplina o estudante deverá estar capacitado a:

- compreender as bases conceituais dos princípios humanísticos, éticos e bioéticos das relações interpessoais em EAN; da Educação Popular em Saúde; da Educação Alimentar e Nutricional; da Mobilização e Comunicação Social e da Informação; do Autocuidado;
- conhecer estratégias e metodologias educativas em EAN, pautadas nas políticas federais, estaduais e municipais, promotoras da agricultura familiar e da produção orgânica e agroecológica;
- conhecer as políticas públicas, os programas, as atividades e ações de atenção alimentar e nutricional que envolvam o seu principal objeto de trabalho: a alimentação e nutrição do ser humano, tendo como meta fundamental a garantia da Segurança Alimentar e Nutricional, contribuindo para a promoção e recuperação da saúde, prevenção e reabilitação de doenças e,



conseqüentemente, a melhoria da qualidade de vida do indivíduo e da coletividade.

- compreender, de forma holística, integrativa e interdisciplinar, a relação homem e alimento nas suas múltiplas dimensões: sociais, econômicas, culturais, ecológicas e ambientais, políticas, antropológicas, psicológicas, sociológicas e biológicas, via:

a) Sistemas e processo de produção, distribuição e utilização dos alimentos, considerando a sustentabilidade ambiental e ecológica integral;

b) Determinantes e determinações sociais do comportamento alimentar;

c) Estudo do processo saúde doença nos diversos estágios do ciclo de vida e diversos grupos populacionais, considerando as diversidades de práticas, culturas e hábitos alimentares (materno infantil, infantil, pré-escolares, escolares, crianças e adolescentes, jovens, adultos, idosos, trabalhadores, comunidades tradicionais – indigenistas, quilombolas, pescadores, agricultores, comunidades rurais, entre outros);

d) Princípios, estratégias pedagógicas, métodos e técnicas, inovadoras, ativas e participativas, de natureza interdisciplinar, de Educação Alimentar e Nutricional aplicadas à coletividade;

e) Estratégias, métodos e técnicas de comunicação e relacionamento inter-pessoal necessários para a mobilização e para a relação com o indivíduo, comunidade e atuação na equipe multiprofissional;

f) Os modelos produtivos de alimentos e as possíveis implicações dos contaminantes químicos introduzidos nos alimentos para a saúde humana, saúde ecológica e ambiental e saúde social;

g) Análise de dados sobre abastecimento de alimentos nos distintos territórios de prática;

h) Contextualização histórico-cultural nas práticas culinárias tradicionais brasileiras como patrimônio nacional sustentável;

i) Visão sistêmica e ampliada da saúde para o desenvolvimento de uma prática educativa integral no sistema de saúde e na EAN.

No domínio da HABILIDADE em EAN, ao final da disciplina o estudante deverá estar capacitado a:

Promover a reflexão sobre conceitos e práticas em EAN, incentivando a construção de um olhar crítico sobre suas funções, possibilidades e desafios, bem como a compreensão de

seu potencial como educador, facilitador de processos de ensino-aprendizagem e de transformação junto a indivíduos e coletividades;

Identificar e debater as concepções e as tendências pedagógicas da Educação e da Educação em Saúde, e as possíveis influências no campo da EAN;

Analisar criticamente os determinantes ecológicos e ambientais, biológicos, culturais, econômicos, históricos, psicológicos e sociais que configuram a multidimensionalidade da alimentação e complexidade das práticas e comportamentos alimentares, correlacionando-os com a EAN;

Avaliar políticas, programas, atividades e ações de atenção alimentar e nutricional que envolvam o seu principal objeto de trabalho: a alimentação e nutrição do ser humano, tendo como meta fundamental a garantia da Segurança Alimentar e Nutricional, contribuindo para a promoção e recuperação da saúde, prevenção de doenças e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade de vida do indivíduo e da coletividade;

Atuar em políticas e programas de Educação em Saúde, de Educação Alimentar e Nutricional, de Segurança Alimentar e Nutricional, de Segurança e Vigilância Nutricional, de Segurança Alimentar e Sanitária, nos níveis de atenção à saúde, visando a promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde em âmbito local, regional e nacional;

Desenvolver estratégias de mobilização e aplicar técnicas de comunicação social participativas e de relações humanas que permitam adequada relação com usuários, com a comunidade e com a equipe multiprofissional;

Utilizar de forma adequada, os meios de comunicação verbal e não verbal nas relações de trabalho e no atendimento à coletividade;

Investigar e aplicar na EAN conhecimentos com visão sistêmica e holística do ser humano, pautados nos princípios da integralidade e da interdisciplinaridade em saúde, integrando equipes inter e multiprofissionais;

Desenvolver e aplicar estratégias pedagógicas, métodos e técnicas de ensino ativos, participativos e inovadores, em EAN, adequados aos diferentes ciclos de vida e aos diversos grupos populacionais;

Promover discussão, a partir de uma visão ampliada, interdisciplinar e integralizadora, dos sistemas alimentares e sua relação com a saúde coletiva;

Utilizar os recursos naturais disponíveis diante das demandas para a sustentação de diferentes cadeias produtivas de alimentos;

Desenvolver estratégias educativas em EAN, pautadas nas políticas federais, estaduais e municipais promotoras da Agricultura familiar e da produção orgânica e agroecológica;

Aplicar os conhecimentos a respeito dos sistema alimentar, correlacionando a produção e abastecimento locais e sua articulação com a PNAN, PNAE, PNSAN, dentre outros.

No domínio das ATITUDES em EAN, ao final da disciplina o estudante deverá estar capacitado a:

Compreender o papel do exercício profissional como instrumento de promoção de transformações sociais;

Apropriar-se de novas formas de aprender, conectadas com a realidade concreta, aprimorando a independência intelectual, o exercício da crítica e a autonomia no aprender;

Aprimorar valores éticos e humanísticos essenciais para o exercício profissional em EAN, tais como: solidariedade, respeito à vida, convivência com a pluralidade e diversidade de pensamento, inclusão social;

Reconhecer os limites e as possibilidades da sua prática profissional;

Buscar constante aprimoramento profissional através da educação continuada;

Realizar o trabalho dentro do mais alto padrão de qualidade e princípios da ética, da integralidade, da interdisciplinaridade, visando uma atenção solidária e humanística às coletividades;

Ter capacidade crítica, analítica e reflexiva;

Ter responsabilidade social e compromisso com a construção da cidadania;

Superar as barreiras culturais, sociais e pessoais na interação com os usuários, grupos e comunidades, considerando a inter-relação e a troca de saberes e conhecimentos populares e acadêmicos;

Realizar seu papel de educador em saúde, tendo em conta que a responsabilidade da atenção à saúde não se encerra com o ato técnico, mas sim, com a resolução do problema de saúde, tanto a nível individual como coletivo;

Desenvolver atitude de liderança na EAN com compromisso, responsabilidade, empatia, habilidade para tomada de decisões, comunicação e gerenciamento de forma efetiva e eficaz;

Integrar-se a Educação continuada, seguindo os preceitos dos pilares da educação: aprender a aprender; aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver;

Atuar de forma participativa e comprometida em equipes multiprofissionais de educação em saúde, em todos os níveis da atenção ao cuidado em saúde, dentro dos princípios da integralidade, da interdisciplinaridade e da inter e multiprofissionalidade;

Estar motivado e empoderado a aplicar estratégias pedagógicas, métodos e técnicas educativas em EAN que articulem o aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser;

Ter criatividade para estimular dinâmicas de trabalho em grupos em EAN, pautados na mobilização e na comunicação social que fortaleçam a participação social e as relações interpessoais;

Valorizar as dimensões éticas e humanísticas da EAN, voltadas para a cidadania e para a solidariedade;

Atuar de forma ética e humanitária, de modo a contemplar as necessidades sociais da saúde, com ênfase no Sistema Único de Saúde (SUS).

#### **6.1.2. Estratégias metodológicas de ensino aprendizagem, desenvolvidas na disciplina de EN1**

Por meio de estratégias metodológicas inovadoras, ativas e participativas, a disciplina oportuniza aos estudantes um espaço de reflexão dos conhecimentos, incentivando a construção de um olhar crítico e ampliado sobre suas funções e suas possibilidades como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem de indivíduos e de grupos, definindo o papel de educador do profissional nutricionista.

Tendo como pressupostos os princípios da integralidade, da inter e transdisciplinaridade e da interprofissionalidade, a equipe de professores, conjuntamente com os estudantes, vêm construindo, ao longo do tempo, um processo de ressignificação das abordagens e recursos educacionais problematizadores e ativos. Desse modo, o diálogo junto a indivíduos e grupos populacionais é favorecido, de modo a considerar todas as fases do curso da vida, etapas do sistema alimentar e as interações e significados que compõem o comportamento alimentar, o que sincroniza com o Marco de Referência da EAN para as Políticas Públicas (BRASIL, 2012).

Essa construção traduz o resultado de esforços compartilhados na busca da construção de uma metodologia mais participativa e apropriada para a prática da Educação Alimentar e Nutricional.

Nessa perspectiva, as experiências vivenciadas têm motivado a constante reformulação das práticas pedagógicas da EAN, especialmente no que se refere à Pedagogia da Problematização e aos referenciais teóricos. O ciclo de reflexões-ações-reflexões têm sido de fundamental importância e têm impulsionado um aprimoramento cada vez maior do aprender a aprender, aprender a fazer, do conviver e contribuir para uma formação pautadas na humanização do ensino, tendo como bases filosóficas e fundamentação teórica aquelas referendadas por Paulo Freire (1987), Edgar Morin (2003) e Francisco Imbernón (2005).

As aulas são estruturadas a partir de estratégias metodológicas participativas e inovadoras, por meio de aulas expositivas dialogadas; rodas de conversas; oficinas temáticas; oficinas de culinária criativa; de produção de materiais instrucionais lúdico-educativos (MILES); de produção cultural e artística; de comunicação; de hortas alternativas; produção literária – cordéis, livros, cadernos de receitas, histórias em quadrinho, jornal de circulação, textos para teatro de fantoches, entre outras; dinâmicas de grupo; dinâmicas coletivas de leitura e análise de textos; mostra de fotografias e de vídeos; visitas as feiras orgânicas, as hortas alternativas; hortas de plantas medicinais e espaços agroecológicos; problematização e resolução de problemas ou de situações do contexto social e cultural, relativos a alimentação e nutrição.

### **6.1.3. Limitações e avanços da disciplina**

Apesar da ênfase dada à ludicidade e a criatividade, pela disciplina e isso ter, de alguma forma, contribuído para o aumento progressivo do interesse de estudantes e profissionais, ainda é necessário ampliar a discussão sobre suas possibilidades, seus limites e suas práticas.

De uma forma geral, observa-se, nas falas dos estudantes, que há um reconhecimento da importância do tema, mas nem sempre os mesmos referem demonstrar interesse em inserir essa temática na sua prática profissional, não sendo considerados, significativamente, os aspectos filosóficos e humanitários mais amplo. A percepção a respeito do uso de jogos, brincadeiras, dinâmicas, produções artísticas, entre outros MILES, ainda é limitada em relação à importância do tema.

Na percepção inicial, dos estudantes de Nutrição, o uso da ludicidade e da criatividade se resume a um conjunto de práticas e técnicas, não sendo reconhecida como uma prática holística, integrativa, inter e transdisciplinar, capaz de promover um aprendizado mais efetivo e motivador.

Tais análises indicam a necessidade de fortalecimento no estudo e no ensino da temática em sala de aula e da ampliação da visão de estudantes e profissionais.

Em relação a esse aspecto, Barriga (1995) assinala que o problema da formação profissional foi reelaborado por uma pedagogia vinculada ao pensamento pragmático americano, que enfatiza os aspectos da eficiência e da produtividade em detrimento daqueles que se relacionam com os processos de conhecimento e de desenvolvimento pessoal, pautadas na criatividade e na ludicidade.

O mercado de trabalho, assim, seria o regulador básico das necessidades de formação profissional que não contempla a formação humanística e transdisciplinar.

Esse fato pode ser evidenciado por Boog (1999):

[...] o profissional de nutrição tem como uma das suas atribuições a prática da EAN e, por isso, deve ser preparado para assumir essa função durante a sua formação acadêmica. Infelizmente, apenas 3 a 7% dos profissionais formados atuam na área de Saúde Pública, ficando a EAN realizada pelos nutricionistas com maior frequência na área clínica do que na rede básica de saúde [...]

Um dos fatores limitantes é que a EAN não se desenvolveu cientificamente como as demais áreas da Nutrição. Este fato representou certa limitação no desenvolvimento de bases teórico-metodológicas e produção acadêmico-científica que tragam um suporte sistemático para o avanço das estratégias metodológicas em sala de aula, com maior uma credibilidade e adesão por parte dos estudantes.

Por outro lado, considerando a abrangência e a dimensão trans e interdisciplinar da temática em questão, observa-se que ainda há carência de formação interdisciplinar, no nível de graduação, orientada para a formação dos profissionais em Nutrição. A segurança alimentar e nutricional, educação, saúde, ecologia e meio ambiente, por exemplo, não devem e nem podem ser vistas e analisadas de forma isolada, mas sim, como um conjunto de práticas econômicas, políticas, técnicas, sociais e culturais que têm como objeto as necessidades e bem estar da comunidade, no âmbito individual e coletivo (VALENTE, 1986; 2002; BOOG, 2004).

Segundo Feuerwerker e Sena (2002), o movimento pela reforma sanitária brasileira e pela mudança na formação dos profissionais de saúde tem objetivos já amplamente debatidos e acordados: a) atenção à saúde universal, equitativa e de qualidade, com forte ênfase em

promoção da saúde e prevenção das doenças que contribua para fortalecer a autonomia dos sujeitos na promoção da saúde; b) universidade aberta às demandas sociais, capazes de produzir conhecimento relevante e útil para a construção do sistema de saúde; c) profissional crítico, capaz de aprender a aprender, de trabalhar em equipe, de levar em conta a realidade social e de prestar atenção de forma humanizada e de qualidade.

Nesse sentido, Costa (2001) analisa o processo de formação do nutricionista brasileiro dentro das características gerais, específicas e particulares dos seus planos de determinação, evidenciando a relação entre a formação acadêmica e a prática profissional, conformando o caráter de determinação histórica e do conhecimento científico do objeto de trabalho do profissional:

[...] Teoricamente, o profissional formado pelos cursos de Graduação em Nutrição estaria preparado para lidar com aspectos biológicos, políticos, sociais, econômicos e culturais do fenômeno da fome. Porém, historicamente sua intervenção na realidade alimentar e nutricional do país não tem representado os resultados desejados [...]

Quanto à formação acadêmica nos cursos de graduação, a formação é predominantemente biologicista e tecnicista, ficando as áreas das ciências humanas pouco evidenciadas, o que compromete o preparo dos estudantes para lidar com a saúde pública e, conseqüentemente, com a EAN, refletindo, entre outros fatores, na falta de interesse do estudante e do profissional por essa área (BOOG, 1997; COSTA; MANÇO, 2004).

Além disso, há uma diversidade de concepções entre os professores da Disciplina de EAN em relação às atividades teórico- práticas, e de como entendem a relação teoria-prática. Franco e Boog (2007) realizaram uma análise dessas diversas concepções por meio de entrevistas feitas a 11 professores de EAN de instituições de ensino superior do Estado de São Paulo, e todos reconheceram a importância da atividade prática, mas as concepções são distintas. Alguns consideram que as práticas são suficientes e não necessitam fundamentação teórica em ciências humanas e sociais, sendo a prática hipervalorizada. Desse modo os autores concluem que:

[...] Cabe aos Cursos de Graduação e aos órgãos fiscalizadores do ensino, a discussão a respeito da formação dos docentes, da concepção de atividades práticas e de formas mais eficientes para que se efetive o movimento dialético da prática com a teoria. É necessário estimular, desde o início da graduação, a articulação entre teoria e prática, a fim de possibilitar aos alunos a contextualização na construção de conhecimentos e formação de compromissos sociais e éticos[...]

Considerando-se esses aspectos, faz-se necessário o encontro de referenciais teóricos que contribuam para essa construção do conhecimento com a finalidade de orientar a relação teórico-prática e promover uma melhor valorização na formação do nutricionista.

Para fortalecer a função de educador do profissional nutricionista, precisaremos dos princípios filosóficos da Educação, em especial aqueles referentes aos apontados por Paulo Freire, com a proposta de Educação Problematicadora, considerada como fundamental na Educação Popular em Saúde (FREIRE, 1987).

Edgar Morin (ALMEIDA; CARVALHO, 2002) é também um dos referenciais que nos traz uma importante contribuição filosófica, uma vez que seus pressupostos convergem à Educação Problematicadora, aprofundando alguns aspectos conceituais. Francisco Imbernón (2005), defende a prática do exercício de um trabalho reflexivo com o educando, em que educador e educando compartilhem, efetivamente, do processo e construção do conhecimento.

A educação popular foi sendo construída, desde a década de 1950, a partir de um movimento de muitos intelectuais latino-americanos que objetivavam encontrar uma metodologia de relação que superasse a forma autoritária como as elites de educadores abordavam a população. Da vivência desses intelectuais com a população, resultou a constatação de que as classes populares, ao contrário do que se preconizava, buscavam o enfrentamento dos seus problemas e tinham dentro de si sentimentos e iniciativas de solidariedade. Além disso, observaram a riqueza de sabedoria que os permitia, além de outras coisas, alegrar-se, mesmo diante das adversidades (FREIRE, 1987; Vasconcelos, In : Caderno de educação popular e saúde, MS, 2007).

O primeiro desses intelectuais a sistematizar teoricamente a experiência acumulada por esse movimento foi o pernambucano Paulo Freire. Por meio de suas obras, em especial “A Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 1987), a Educação Popular foi difundida no mundo todo. Freire considerou cinco princípios básicos, fundamentais aos educadores: saber ouvir; desmontar a visão mágica; aprender a estar com o outro; assumir a ingenuidade do educando e viver pacientemente paciente.

[...]O “saber ouvir” reflete claramente a característica dialética da visão freireana e isso implica reconhecer que ninguém está só: a primeira implicação profunda e rigorosa que surge quando eu encaro que não estou só, é exatamente o direito e o dever que eu tenho de respeitar em ti o direito de você também dizer a sua palavra. Isso significa dizer, então, que eu preciso, também, saber ouvir. Na medida, porém, em que eu parto do reconhecimento do teu direito de dizer a sua palavra, quando eu te falo por que te ouvi, eu faço mais do que falar a ti, eu falo contigo. Aprendendo a ouvir, o educador aprende a estar com o outro: Quer dizer, é esse estar com e não simplesmente para e,



jamais, sobre o outro. É isso o que caracteriza uma postura realmente libertadora. Bacana era se a gente tivesse tempo de ir mostrando essas afirmações à luz da experiência para perceber o que significam. Assumir a ingenuidade dos educandos é uma forma concreta de respeito e humildade perante o outro e, nesse sentido, educadores e educandos se colocam como parceiros no processo de ensino – aprendizado: Vocês imaginem o seguinte: que pedagogo seria eu se, ao ouvir uma pergunta mal formulada, desorganizada e sem sentido, respondesse com ironia? Que direito teria eu em dizer que sou um educador que penso em liberdade e respeito se ironizo uma questão do outro? Abrir possibilidades de pacientemente criar, recriar, escutar, aprender com o outro, ser e estar com o outro, respeitar a ingenuidade e de forma participativa, ativa, incessantemente, constitui-se no viver pacientemente a impaciência. Assim é que se teria o poder de fazer com criticidade aquilo que se quer e que precisa ser feito. Não é um método, não é nada assim como muitos dizem. Por que não deve haver um modelo a seguir, trata-se de uma concepção de mundo, é uma pedagogia, não é um método cheio de técnicas pautado pelas prescrições [ou normativas - as receitas] que deve estar aí. Eu acho que a gente sabe muito mais as coisas quando a gente apreende o significado disso que eu abordei e, portanto, põe em prática... (Vasconcelos, In: Caderno de educação popular em saúde, MS, 2007)[...]

Essas características necessárias ao educador não surgem aleatoriamente, elas são construídas ao passo que esse se permite vivenciar, experimentar, se arriscar diante das incertezas do novo. Costa e Manço (2004) propõem a educação problematizadora como um caminho na formação de uma consciência crítica dos educandos em oposição à EAN tradicional em que os educadores estabelecem com o educando uma relação de narração de conteúdos e o educando é o receptor passivo. É preciso dialogar e estimular a educação para a libertação do educando. Nesse sentido, o educando encontra condições para descobrir as causas de seus problemas nutricionais e encontrar as suas resoluções de forma criativa para a construção de uma melhor qualidade de vida.

Em sincronia com a educação problematizadora de Paulo Freire, estão os princípios defendidos por Edgar Morin em seu primeiro livro da série “O Método” (MORIN, 1991), no qual inicia sua explanação sobre a teoria da complexidade. Em 1999, lançou “Os Sete Saberes necessários à educação do futuro”. Nele, Morin defende a incorporação dos problemas cotidianos ao currículo e a interligação dos saberes em oposição ao ensino fragmentado; defende a interligação dos conhecimentos; combate o reducionismo instalado em nossa sociedade e valoriza o complexo (MORIN, 2003).

Para que essa concepção seja apreendida faz-se necessário uma modificação na forma de pensar a educação e reconhecer que a fragmentação do conhecimento dificulta a compreensão da diversidade vislumbrada na totalidade dos fenômenos. É importante ressaltar que Morin não condena a especialização mas, sim, a perda da visão geral do conhecimento.

Na educação, Morin aponta o processo educativo como um fenômeno complexo, que abriga uma diversidade de culturas, ideologias, compreensões, sentimentos, expectativas e, por isso, se apresenta como um espaço ideal para se iniciar essa reforma de pensamento. Essa visão facilita compreender que quando se sai do específico se consegue contextualizar a complexa teia da vida (MORIN, 2003).

O processo de fragmentação divide os saberes em áreas (ou disciplinas) e dentro delas se priorizam os conteúdos. É difícil romper com essa estrutura, principalmente considerando o histórico da EAN no Brasil, especialmente no que se refere à formação do estudante nas Instituições de Ensino Superior, mas é um caminho possível. Incorporando esse novo olhar, novos rumos podem surgir e poderemos vislumbrar que o nutricionista, ao realizar uma ação educativa, leve em consideração a complexidade que ela necessita. Ou seja, considerar, através da compreensão e da solidariedade intelectual e moral da humanidade, conquistar o espaço necessário à reestruturação da EAN (COSTA; MANÇO, 2004).

Imbernón (2005) ressalta a necessidade de mudanças na formação dos educadores no sentido de que esses se tornem menos racionalistas e menos tecnicistas, valorizando a importância da interação entre os programas de ensino e a comunidade.

A inserção dessas temáticas nos cursos de graduação em nutrição, pode ser efetiva para promover, simultaneamente, o desenvolvimento de conhecimentos, de atitudes e habilidades necessárias à preservação e melhoria da qualidade de vida, por meio de prática pedagógica dialógica. Assim, permite o desenvolvimento da consciência crítica, ao passo que se compromete com a abordagem da problemática ambiental inter-relacionada com os aspectos sociais, ecológicos, econômicos, políticos, culturais, científicos, tecnológicos e éticos.

Nesse contexto, é também ressaltado o valor e o papel da ludicidade e da criatividade como instrumentos de um aprendizado mais efetivo e prazeroso.

## **6.2. ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE MILES**

### **6.2.1. Análise das estratégias e metodologias educativas utilizadas na produção de MILES.**

As atividades desenvolvidas na disciplina, se mostraram como ferramentas de mudanças que facilitaram o diálogo e a participação reflexiva, na qual os estudantes puderam contar a suas próprias histórias, encenar dilemas, assuntos e situações cotidianas

fundamentadas em seus problemas reais. Esse resultados foi também abordado por SOARES (2010). Esse instrumento de apoio didático também pode ser utilizado em pesquisa-ação, com a finalidade de ter uma visão mais aprofundada da realidade alimentar e nutricional do grupo populacional em seus aspectos socioambientais, culturais, antropológicos e relacionais (SOARES, 2010).

A par dos desafios enfrentados e de avaliações que se farão necessárias, considera-se que a dimensão interdisciplinar dessa metodologia, evidenciando seu caráter criador, dialógico e integrador tornam extremamente válidas as experiências, uma vez que favoreceram a articulação dos processos de reflexão, discussão, análise e socialização de ideias.

Nesta perspectiva, percebe-se ser possível tornar o ensino mais significativo e mais prazeroso a partir de abordagens interdisciplinares empregando temas geradores. Essa intervenção mostra que atividades pedagógicas interativas são instrumentos de sensibilização que intensificam o processo de conscientização sobre a necessidade de bons hábitos alimentares, permitindo a facilitação para escolhas saudáveis, capacitando os educandos para transformações da realidade, respeitando o seu universo cultural, entendendo a prática pedagógica como dinâmica de participação popular.

O desenvolvimento de materiais instrucionais lúdicos e educativos (MILES) consistem em promissora metodologia ativa de ensino-aprendizagem que permite a assimilação de conteúdos por meio do estímulo ao entusiasmo do aprendiz, além de melhorar as interações sociais, a cognição e as habilidades psicomotoras do educando (OLIVEIRA et al., 2021).

O uso dos MILES tem se tornado uma ferramenta inovadora e eficiente no contexto educacional, contribuindo para a transformação do processo de ensino e aprendizagem. Esses são constituídos por jogos e brincadeiras que engajam os estudantes de maneira ativa, proporcionando uma aprendizagem mais dinâmica e significativa. Martins (2017) destaca que as MILES têm se mostrado eficientes em envolver os alunos, promovendo uma experiência educacional mais personalizada e estimulante. A integração dessas tecnologias nos processos pedagógicos permite um ensino mais centrado no aluno, favorecendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, colaborativas e criativas (ALMEIDA; OLIVEIRA, 2019).

Na educação em saúde, os MILES têm se revelado particularmente eficazes na promoção de comportamentos saudáveis e na disseminação de informações relacionadas à saúde pública. A utilização de mídias interativas, como jogos digitais, vídeos educativos e plataformas de aprendizado online, facilita a compreensão de conteúdos complexos, como a prevenção de doenças e a promoção de hábitos saudáveis. Estudos realizados por Alexandre et

al. (2021) apontam que, ao utilizar ferramentas digitais interativas, o aprendizado sobre temas de saúde torna-se mais acessível e envolvente, aumentando a adesão dos participantes às práticas de autocuidado e prevenção. Esses recursos educativos também têm se mostrado úteis em programas de educação para doenças crônicas não transmissíveis, como diabetes e hipertensão, ajudando os indivíduos a entenderem melhor suas condições e a tomar decisões informadas sobre sua saúde (SOUZA et al., 2020).

No contexto da EAN, as MILES têm desempenhado um papel fundamental na promoção de hábitos alimentares saudáveis, especialmente entre crianças e adolescentes. A utilização de tecnologias interativas permite que os estudantes se envolvam de maneira lúdica e educativa com temas relacionados à alimentação saudável, à sustentabilidade alimentar e ao impacto da alimentação na saúde. Segundo Santos et al. (2020), as MILES são capazes de criar experiências de aprendizagem mais atraentes e envolventes, facilitando a internalização de hábitos alimentares positivos. Além disso, essas ferramentas podem ser utilizadas para simular situações de escolha alimentar, incentivando os alunos em tomar decisões conscientes e responsáveis sobre sua alimentação. A EAN, por meio de mídias interativas, tem se mostrado eficaz, pois permite que os alunos experimentem de maneira virtual os benefícios de uma alimentação saudável e adequada e se envolvam em atividades educativas que favorecem a formação de hábitos saudáveis (LIMA; FERREIRA, 2018).

Pereira et al. (2019) realizaram uma pesquisa em escolas públicas que evidenciou a eficácia das MILES na promoção de Educação Alimentar Nutricional. O estudo mostrou que o uso de jogos e aplicativos interativos voltados para a nutrição não apenas aumentou o engajamento dos alunos, mas também facilitou a compreensão de conceitos importantes sobre alimentação saudável. A pesquisa revelou ainda que as atividades interativas proporcionaram uma mudança significativa no comportamento alimentar dos estudantes, com muitos deles adotando hábitos mais saudáveis após a interação com as ferramentas digitais.

No entanto, a implementação das MILES no processo educacional ainda enfrenta desafios. Um dos principais obstáculos é a infraestrutura tecnológica deficiente em muitas escolas, especialmente em regiões com menor acesso a recursos. Souza et al. (2019) destacam que a falta de equipamentos adequados e de acesso à internet pode dificultar o uso dessas ferramentas no ensino, limitando seu alcance e eficácia. Outro desafio importante é a formação contínua de educadores para o uso adequado dos materiais. Lima e Ferreira (2018) ressaltam que, para que os MILES sejam utilizados de maneira eficiente, é necessário que os

educadores recebam treinamento específico sobre como integrar essas ferramentas no processo pedagógico, garantindo que elas sejam usadas de forma estratégica e pedagógica.

Apesar desses desafios, as perspectivas para o futuro dos MILES na educação em saúde e na EAN são promissoras. O contínuo desenvolvimento de tecnologias mais acessíveis e a adaptação de plataformas educacionais às necessidades dos educadores e alunos podem transformar a maneira como o conhecimento é construído, compartilhado, tornando o ensino mais interativo, acessível e eficaz. Os MILES têm o potencial de revolucionar o ensino, especialmente em áreas como saúde e nutrição, permitindo uma abordagem mais dinâmica e envolvente, que pode levar à transformação de hábitos e comportamentos de forma duradoura.

Segundo Santos et al. (2018), a utilização de jogos, brincadeiras e atividades artísticas estimula a participação ativa dos educandos, tornando o processo educativo mais dinâmico e eficaz. Essa abordagem facilita a internalização de conhecimentos sobre alimentação, contribuindo para a formação de hábitos saudáveis de maneira prazerosa e significativa. Complementarmente, Costa e Pinho (2009) ressaltam a eficácia da gamificação e de metodologias ativas na construção de saberes, destacando o papel do lúdico como elemento motivador no ambiente escolar.

Além de favorecer a aprendizagem, o lúdico também tem impacto positivo no desenvolvimento de competências cognitivas, emocionais e sociais. Faustino et al. (2022) destacam que atividades lúdicas promovem a criatividade, a comunicação e o trabalho em equipe, habilidades essenciais para o contexto educacional contemporâneo.

Do ponto de vista histórico, observa-se que a EAN no Brasil passou por transformações importantes. No início, as práticas eram voltadas para orientações técnicas e distribuição de materiais informativos (BOOG, 1997). Entretanto, a partir dos anos 2000, com o fortalecimento da Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN), houve um reconhecimento crescente do papel da educação lúdica como estratégia para a promoção da saúde (BRASIL, 2013a).

Brougère (2006) e Oliveira (2012) reforçam que o brincar é um elemento cultural essencial para o desenvolvimento humano, permitindo que as crianças assimilem valores e normas sociais de maneira natural. Essa perspectiva é corroborada por Vygotsky (1998), que

ênfatisa a importância do jogo para o desenvolvimento cognitivo e social, e por Paulo Freire (1987), cuja pedagogia problematizadora inspira práticas educativas mais críticas e dialógicas.

Apesar dos avanços, ainda existem desafios para a consolidação da ludicidade como prática pedagógica na formação em Nutrição. Estudos apontam que a formação acadêmica dos nutricionistas permanece predominantemente biologicista e tecnicista, com pouca ênfase na EAN e na prática lúdica (BOOG, 1997; COSTA; MANÇO, 2004). Essa limitação pode comprometer a adoção de metodologias inovadoras que considerem as dimensões culturais, sociais e ambientais da alimentação.

Por outro lado, programas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) têm incluído práticas lúdicas como ferramentas para estimular escolhas alimentares mais saudáveis entre os estudantes, demonstrando a viabilidade e a eficácia dessa abordagem em larga escala (BRASIL, 2011a).

Esses resultados indicam que o uso do lúdico na EAN não apenas contribuiu para o aprendizado e a adoção de hábitos saudáveis, mas também fortaleceu o papel do nutricionista como educador e agente transformador da realidade social. A integração de práticas lúdicas com os pilares da educação propostos pela UNESCO (1996) — aprender a ser, a conhecer, a fazer e a conviver — revela-se fundamental para o desenvolvimento de uma educação alimentar mais humanizada, crítica e emancipatória.

Essa abordagem se alinha à concepção freireana de educação, que defende o diálogo e a participação ativa dos sujeitos no processo educativo (FREIRE, 1987). A pedagogia problematizadora proposta por Freire contribui para uma EAN mais crítica, contextualizada e transformadora, indo além da simples transmissão de informações para promover a autonomia e o pensamento reflexivo dos educandos. Nesse sentido, o lúdico emerge como um recurso pedagógico capaz de potencializar a reflexão sobre os determinantes sociais, culturais e econômicos dos hábitos alimentares, permitindo que os indivíduos compreendam sua realidade e busquem transformá-la.

Os avanços históricos da EAN no Brasil, especialmente após a inclusão de políticas públicas como a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), também favorecem a inserção de práticas lúdicas nas ações educativas (BRASIL, 2013a). A utilização de recursos lúdicos nesses programas tem

contribuído para o fortalecimento de hábitos alimentares saudáveis entre crianças e adolescentes, além de estimular o desenvolvimento de competências sociais como empatia, trabalho em equipe e criatividade (BROUGÈRE, 2006; OLIVEIRA, 2012).

Ademais, a literatura aponta para uma percepção limitada da ludicidade e da criatividade, por parte dos estudantes de Nutrição, que muitas vezes o enxergam apenas como um conjunto de técnicas isoladas e não como uma abordagem holística e interdisciplinar (FRANCO; BOOG, 2007). Essa visão reducionista precisa ser superada por meio de mudanças na formação acadêmica, que integrem as ciências humanas e sociais ao ensino de Nutrição, promovendo uma maior compreensão da complexidade do comportamento alimentar.

Por outro lado, o crescente uso de tecnologias digitais na EAN, como aplicativos e jogos educativos, abre novas possibilidades para a utilização do lúdico em contextos diversos. Essas ferramentas podem ampliar o alcance das ações educativas, tornando-as mais atrativas para as novas gerações e favorecendo a adaptação às diferentes realidades culturais e sociais (MONTEIRO et al., 2012).

Diante desse cenário, é possível afirmar que a ludicidade e criatividade, quando integrado a uma abordagem educativa crítica e contextualizada, representa uma estratégia potente para a transformação dos hábitos alimentares e para o fortalecimento da cidadania e da autonomia dos sujeitos. Contudo, a efetividade dessa abordagem depende de uma formação acadêmica que valorize a interdisciplinaridade, a criatividade e o compromisso social do nutricionista.

#### **6.2.2. Jogos e brincadeiras produzidos pelos estudantes da disciplina EAN1, do Curso de Graduação em Nutrição da UFPE**

Jogos desenvolvidos pelos estudantes durante a disciplina de Educação Alimentar Nutricional 1, durante o período letivo os estudantes desenvolvem, a professora faz as correções, os materiais são catalogados e ficam armazenados na ludoteca disponíveis para empréstimos.

Os Materiais variam de acordo com o tema, a data de produção, o público alvo e o perfil dos estudantes idealizadores.

- Dados Bem Nutridos**
- Jogo em grupo, para 2 a 6 participantes.
- São 6 dados que têm em suas faces os nomes e figuras referentes aos Grupos Básicos da Alimentação- Produtos Animais (PA), Verduras e Frutas(VF) e Grãos e Raízes(GR)-; e as funções dos alimentos de cada grupo no organismo- construtores (PA), reguladores (VF) e energéticos (GR).
- Antes de começar, os jogadores devem definir o tempo de duração do jogo (de 10 a 20 minutos), ou o número de rodadas, e quem anotar os pontos.
- Cada jogador, na sua vez, só poderá fazer uma jogada.
- A jogada se faz lançando, sobre superfície plana, todos os 6 dados ao mesmo tempo.
- 1.

Contam-se os pontos conforme estejam as faces dos dados voltadas para cima:

a) os 3 Grupos Básicos da Alimentação (PA, VF, GR) e as respectivas funções dos alimentos desses grupos no organismo (C, R, E) = 50 pontos;

b) apenas um desses jogos (PA, VF, GR ou C, R, E) = 20 pontos;

c) formando 2 pares (PA-C, VF-R, GR-E) = 10 pontos;

d) um único desses pares = 5 pontos;

e) formando 2 jogos contar o número de pontos correspondente a cada um deles.

Vence quem somar maior número de pontos.

Departamento de Nutrição, CCS-UFPE  
 eaam@ufpe.br - Fax: 0xx 81 2126.8473  
 Fones: 0xx 81 2126.8470/71/75 opção 9

2.

3.



Figuras 1,2 e 3 - Dados bem nutridos



**Jogo - Caminho da Escolha Saudável**

**Objetivo:** Proporcionar o conhecimento e informações sobre o processamento dos alimentos (alimentos in natura, minimamente processados, processados e ultraprocessados), visando estimular os participantes a escolherem alimentos saudáveis e adequados para o seu dia a dia.

**Duração:** aproximadamente de 20-30 minutos.

**Material para confecção/Peças:** tesoura, cola, impressora, papel A4, caixa de papê, papel guache, cartolina, lápis, régua, marcador para quadro branco, papel de presente.

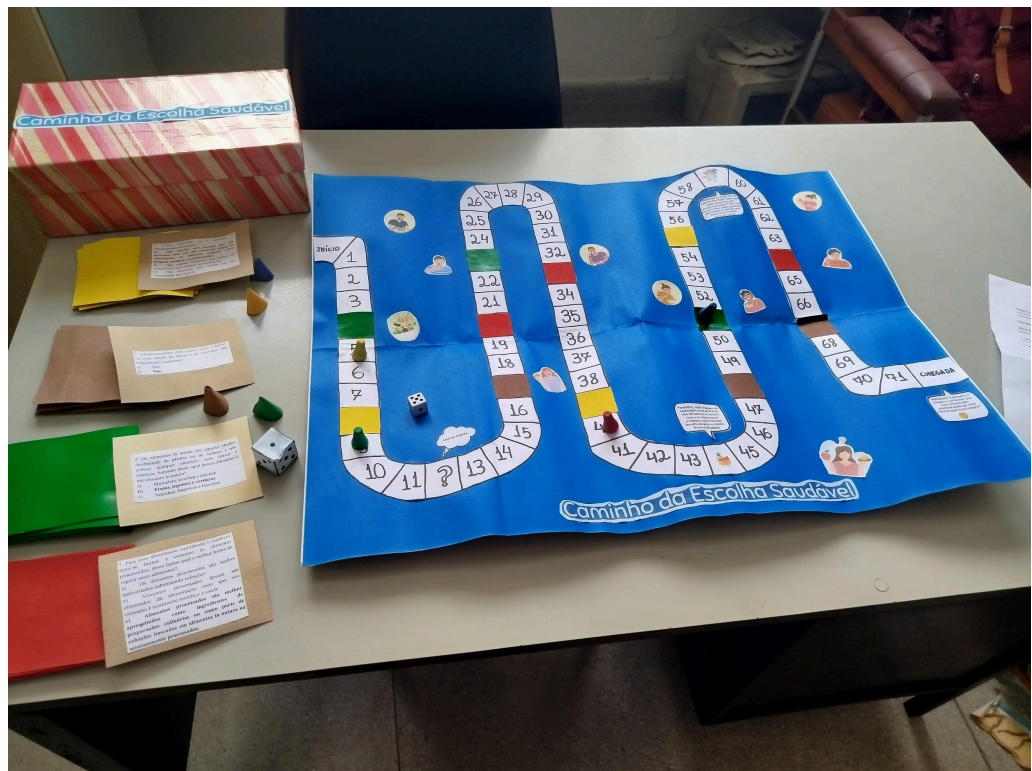
**A quem se destina/Nº de participantes:** Adultos a partir de 20 anos, sendo necessário no mínimo 2 jogadores e máximo de 4 jogadores.

**Como jogar:** Percorrer todo o caminho do tabuleiro

- Cada jogador vai escolher um pino colorido para lhe representar no jogo, o jogador que tirar a maior soma de pontos ao jogar o dado dá início ao jogo.
- Ao jogar o dado e o participante estiver em uma das casas coloridas (verde, amarelo, vermelho e marrom) um outro participante deverá fazer a pergunta contida no cartão referente a cor da casa.
  - Para as **cartas verdes**: se o participante acertar deve avançar 5 casas e se errar deve voltar 3 casas.
  - Para as **cartas amarelas**: se o participante acertar deve avançar 2 casas e se errar deve voltar 1 casa.
  - Para as **cartas vermelhas**: se o participante acertar deve avançar 4 casas e se errar deve voltar 5 casas.
  - Para as **cartas marrons**: se o participante acertar deve avançar 4 casas e se errar deve voltar 6 casas.
- Se um participante cair na **casa com uma interrogação (?)** deve escolher um outro participante para responder uma pergunta de um dos cartões coloridos e em caso de acerto deve dobrar o número de casas para avançar ou voltar em caso de erro. Por exemplo, o participante acertou uma pergunta da carta vermelha, então deve andar 8 casas ( $4 \times 2 = 8$ ) se errar deve voltar às 6 casas ( $3 \times 2$ ). O mesmo ocorre com as cartas das outras cores.
- Se um participante cair na casa da "cesta de frutas" deve avançar 16 casas.
- Se um participante cair na casa do "fast food" deve voltar 30 casas.
- E vale lembrar que a cada cartão lido deve ser descartado do jogo, não vale repetir cartão, tá?!

Jogo elaborado por: Emylle Carolayne Irineu Costa, Ingrid Alice Cristina da Silva, Maria Poliana Ramos Bezerra, Maria Tereza Albuquerque Silva, Mirella Vitória Moraes Silva.

4.



5.

Figuras 4 e 5 - Caminho da escolha saudável.

6.

**JOGO DA FORCA**

**Objetivo:** Proporcionar o conhecimento e informações sobre os alimentos e preparações regionais; e ervas comestíveis, visando estimular os participantes a aumentarem o consumo de alimentos saudáveis.

**Duração:** aproximadamente 20 minutos.

**Material para a confecção/Peças:** caixa de papelão, tecidos coloridos, tecidos flanelados, emburachado, caixas de plástico reaproveitadas, papel A4, tesoura, cola, impressora. / 01 forca, 05 partes do enforcado menino e menina), 56 letras e 16 marcadores de letras.

**A quem se destina/Nº de Participantes:** Crianças a partir de 10 anos de idade.

**Como jogar:**

- o jogador tem que acertar qual a palavra proposta, tendo como dica o número de letras, o tema ligado à palavra e as dicas disponíveis na cartilha explicativa. A cada letra errada, é colocada na forca uma parte do corpo do enforcado. O jogo termina ou com o acerto da palavra ou com o término do preenchimento das partes do corpo do enforcado.
- Se o participante descobrir a palavra, antes do seu boneco ser totalmente "enforcado", ele vence a brincadeira.

**Autores/Turma/Ano:** Gutenberg Montenegro, Lucas Oliveira, Viviane Michele. 2015.

7.



Figuras 6 e 7 - Jogo da Forca.



8.

ALVO NUTRICIONAL

**Objetivo:** auxiliar nas estratégias pedagógicas para o aprendizado sobre alimentação saudável e práticas promotoras de vida saudável.

**Duração:** até que um dos grupos de participantes complete 100 pontos.

**Material para confecção:** tecido em TNT de várias cores, cola de tecido, tesoura sem ponte, papel cartão, papel A4, impressora, tinta para impressora, caixa de sapato, papel camurça e cola branca.

**Pecas:** o jogo é composto por um alvo de pano, em formato circular a ser utilizado como tapete no chão. O alvo possui faixas circulares coloridas que correspondem, cada uma das faixas, a um nível de pergunta que, por sua vez, corresponde a um valor de pontuação, uma peteca e esse manual de instrução.

**A quem se destina:** crianças a partir de 12 anos. Podendo ser jogado em dupla ou em grupos de até 5 participantes.

**Nível de dificuldade:** intermediário – difícil. É recomendado um conhecimento prévio acerca das temáticas sobre alimentação saudável e práticas promotoras de vida saudável.

**Como jogar:** o jogo é competitivo e é necessário que haja participação de uma dupla ou grupos de no máximo 5 pessoas.

1. O alvo é colocado no chão e os jogadores, um por vez, se posicionam ao final da marca do marcador de limite do alvo;
2. A peteca deve ser arremessada ao tapete a fim de acertar um dos círculos coloridos;
3. O jogador irá responder a pergunta correspondente a cor do círculo do alvo;
4. Caso a resposta esteja certa, a pontuação indicada no alvo será destinada ao jogador ou ao grupo;
5. Caso a resposta esteja incorreta, não haverá pontuação nem punição – será passada a vez ao outro jogador ou ao outro grupo;
6. Ganha o jogador ou o grupo que somar 100 pontos primeiro.

Autoria: Ana Jéssica, Bruna Castilho, Glizela Kelly, Hadassa Gabrielle e Mayara Katiane  
Turma: EN 1 – 2016.1

9.



Figuras 8 e 9 - Alvo Nutricional.

### LUDO DA NUTRIÇÃO

**Objetivo:** Estimular o aprendizado sobre Alimentação Saudável e Nutrição.

**Duração:** Aproximadamente 30 minutos.

**Material para confecção/peças:** Papel A4, cartolina (branca, lilás, vermelha, verde, amarela e azul) , papel contato ou plastificador, tesoura, hidrocor preto. 2 dados, 16 pinos, 1 tabuleiro, 20 maçãs, 20 bananas e 30 berinjelas de papel cartolina, 48 fichas com perguntas, sendo 12 azuis, 12 amarelas, 12 vermelhas e 12 verdes e 63 perguntas de sorte e revés.

**A quem se destina/Nº de participantes:** Adolescentes a partir de 12 anos, com no mínimo 2 jogadores por partida e no máximo 4.

**Como jogar:**

1. O objetivo final do jogo consiste em que os participantes entre com os 4 peões no triângulo maior. O primeiro a atingir este objetivo será o vencedor.
2. Joga-se os dados, onde o jogador com maior pontuação inicia o jogo;
3. Joga-se o dado e anda-se o número de casas correspondentes;
  - Frutas: Ao cair nas casas de frutas, o participante deverá responder a pergunta escrita atrás dos cartões que correspondem a mesma. Acertando a resposta anda 2 casas. Se errar, volta 2 casas. O jogador tem 1 minuto para responder cada pergunta.
  - Sorte e Revés: Ao cair na carta SORTE E REVÉS, o participante (adversário) deverá ler a carta do concorrente; este, por sua vez, deverá responder obedecendo ao que for designado na carta. O jogador tem 1 minuto para responder cada pergunta.
4. Cada participante poderá andar com vários peões optando andar com o qual lhe for mais conveniente;
5. BOA SORTE !!!

**Autores/Turma/Ano:** Chika Wakujama e Elaine Portela Dantas. Turma EAN1- 1999,2



11.

Figura 10 e 11 - Ludo Nutricional.

**PASSA OU REPASSA**

**Números de participantes:** 4 a 8  
**Público:** Adolescentes, adultos e idosos, nos espaços escolares, acadêmicos, em organizações Não Governamentais e Governamentais, Trabalhos comunitários e Associações de Bairros, Projetos e Atividades de Assistência Social, entre outros.  
**Idade:** a partir de 12 anos

**Componentes:**  
 1 baralho de perguntas e respostas – 12 cartas  
 1 baralho com tarefas – 20 cartas  
 1 baralho com o tempo – 8 cartas  
 1 marcador de pontos  
 2 botões

**Introdução**  
 A estrutura do jogo Passa ou Repassa foi inspirada em programas populares de televisão e adaptado para o conteúdo de alimentação e nutrição, no qual duas equipes deverão enfrentar-se, aceitando ou não desafios desafiadores.

**Objetivos:**  
 Servir de instrumento de apoio lúdico educativo para o ensino de temas sobre alimentação adequada e saudável: grupo básico dos alimentos e a elaboração de refeições saudáveis e adequadas; higiene geral e dos alimentos; amamentação e introdução de novos alimentos; Agroecologia; consumo consciente dos alimentos e aproveitamento integral dos alimentos.  
 Pode ser utilizado como instrumento de avaliação com a finalidade de auxiliar a equipe de educadores a verificar o aprendizado das temáticas trabalhadas ao decorrer de um período. Poderá também servir como apoio a estratégias de ensino durante as abordagens das temáticas em questão.

**Preparação do jogo:**  
 Cada equipe deve escolher uma cor do botão para jogar e colocá-lo na posição de saída do marcador de pontos. Separe os 3 baralhos, embaralhe-os e coloque-os em 2 montes no centro da mesa ao lado da embalagem aberta do jogo. Coloque o baralho do tempo próximo aos outros baralhos (perguntas e tarefas).

**Como jogar:**  
 As equipes devem estabelecer, aleatoriamente, quais jogadores serão os primeiros e qual a ordem de rodízio, para que cada vez que jogar, as equipes alternem seus jogadores. A partir de critério estabelecido na hora do jogo, democraticamente, entre os jogadores, define-se qual das equipes dará início à partida. Levar de 5 a 10 minutos para ser realizada, quando for preciso.

12.





13.

Figura 12 e 13 - Passa ou Repassa.

**CORRIDA DOS ALIMENTOS**

**Objetivo:** Despertar o interesse pelo conhecimento de uma alimentação saudável.

**Duração:** aproximadamente 30 minutos.

**Material:** caixa de papelão pequena, tabuleiro impresso, cartolina, cola, gravuras de alimentos impressas, pinos.

**Quantidade de peças:** 15 copos e 1 cronômetro

**A quem se destina/Nº de Participantes:** Adolescentes, a partir de 12 anos de idade. Para cada rodada, são necessários de 2 a 4 jogadores.

**Como jogar:**

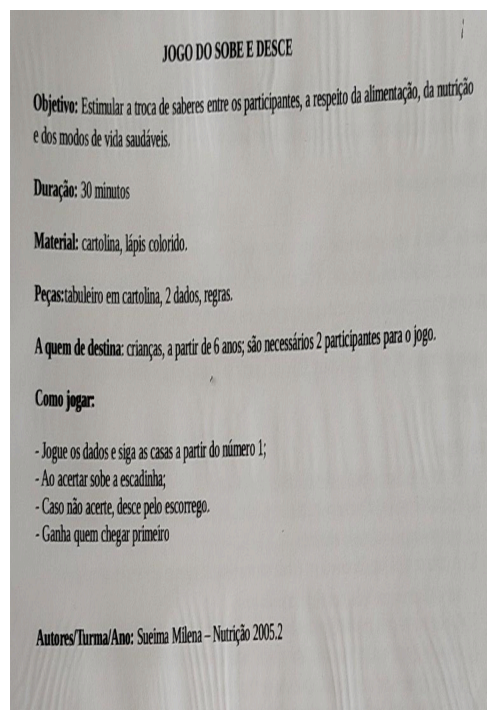
1. Coloque o tabuleiro sobre a mesa.
2. Coloque o peão na área de largada e deixe um dado comum ao lado dele.
3. Forme um monte com as cartas de perguntas.
4. Cada jogador lança um dado comum. Aquele que obtiver uma maior pontuação começa a partida.
5. Quando o jogador pisar numa casa com o símbolo de "?", o próximo jogador pega uma carta de perguntas e lê o que está escrito para o jogador que caiu na casa.
6. A partida termina quando um jogador consegue chegar na última casa.

**Autores/Turma/Ano:** Camila Vilela, Cynthia de Andrade, Bianca Rodrigues, Laerte Victor, Maria José, Niedja Lira/Educação Nutricional/2016.2



15.

Figuras 14 e 15 - Corrida dos Alimentos.



16.



17.

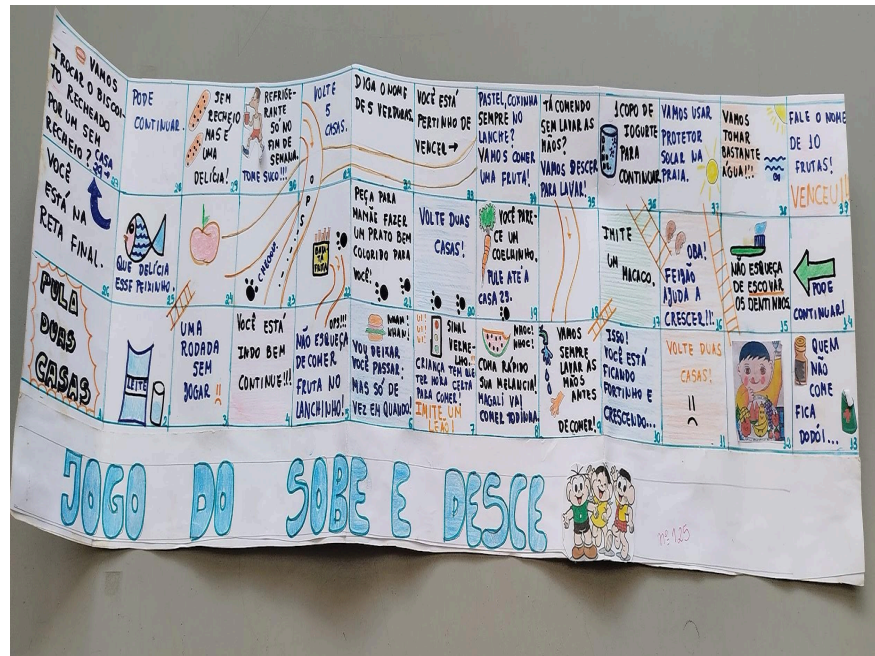
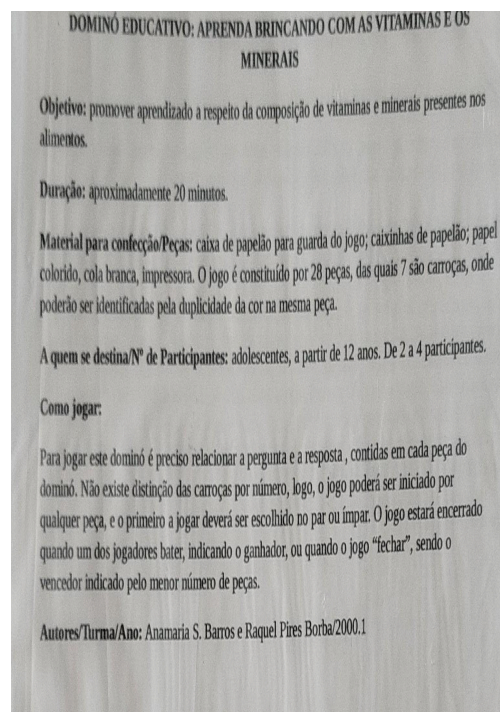


Figura 16 e 17 - Jogo do sobe e desce.

18.







Figuras 20 e 21 - Imagem e Nutrição.

## 7. CONCLUSÃO

Os resultados encontrados permitiram compreender que a ludicidade e a criatividade é uma ferramenta pedagógica de grande relevância no contexto da Educação Alimentar e Nutricional (EAN). .

Ao longo do desenvolvimento histórico da disciplina de EAN, observou-se uma evolução das práticas educativas, que passaram de ações informativas e prescritivas para abordagens mais críticas e participativas, inspiradas na pedagogia problematizadora de Paulo Freire. Essa mudança de paradigma reforça a importância de estratégias que considerem o contexto social, cultural e econômico dos educandos, promovendo maior autonomia e a capacidade crítica necessária para uma melhor efetividade no aprendizado;

Observa-se que as oficinas propiciam um espaço de interação social e diálogo, essenciais para o desenvolvimento de competências socioemocionais, como cooperação, respeito e autonomia. A ludicidade, nesse sentido, extrapola o ensino nutricional e passa a compor uma prática pedagógica transformadora, alinhada às diretrizes da Política Nacional de Alimentação e Nutrição (BRASIL, 2013) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) (BRASIL, 2015).

Entretanto, a análise também evidenciou desafios, como a formação acadêmica ainda predominantemente biologicista e tecnicista dos nutricionistas, que limita a adoção de metodologias lúdicas e inovadoras. Essa lacuna ressalta a necessidade de uma reestruturação curricular que integre as ciências humanas e sociais ao ensino da Nutrição, possibilitando uma atuação mais interdisciplinar e humanizada.

Apesar dos avanços em EAN, em especial aqueles preconizados no Marco de Referência para as Políticas Públicas em EAN (2012) é importante que essas iniciativas sejam ampliadas e fortalecidas, garantindo maior alcance e impacto positivo na saúde coletiva.

A ludicidade e a criatividade possui um papel transformador na EAN, sendo capaz de engajar os educandos e facilitar a internalização de conhecimentos sobre alimentação saudável. Para que essa estratégia alcance todo o seu potencial, é imprescindível o investimento na formação de profissionais capacitados para utilizá-la de maneira crítica, criativa e contextualizada. Além disso, recomenda-se o desenvolvimento de mais estudos que

avaliem os impactos das práticas lúdicas e criativas, em diferentes contextos, contribuindo para o fortalecimento de uma EAN mais eficaz, inclusiva e alinhada às necessidades contemporâneas da sociedade.

Espera-se que os resultados deste estudo permitam refletir sobre o impacto da formação em EAN no perfil profissional do nutricionista. É estratégico pautar a importância da EAN como um dos eixos estruturantes para a organização da formação da força de trabalho no campo da Nutrição, sendo que sua abordagem integrada pode possibilitar o desenvolvimento de competências que permitam ao nutricionista atuar de forma transformadora e contextualizada. Logo, mudanças curriculares são necessárias para fortalecer a construção da disciplina de EAN e suas ementas, bem como sinalizar a proeminência da articulação interna de diferentes áreas de conhecimento, tendo como base as orientações das DCNs. Por fim, salienta-se a importância de se estudar esses planos, uma vez que se trata de um documento orientativo e norteador no processo de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. A arte de formar mentes brilhantes: estratégias para desenvolver o pensamento criativo em sala de aula. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOOG, M. C. F. Nutrição e educação: fundamentos para uma prática educativa em saúde coletiva. 2. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- BOOG, M. C. F. Educação nutricional: limites e possibilidades. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 10, n. 1, p. 5-17, 1997.
- BRASIL. *Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – PNSAN*. Brasília: Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional, 2011. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca\\_alimentar/PNSAN.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca_alimentar/PNSAN.pdf). Acesso em: 21 jul. 2025.
- BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE: histórico e legislação*. Brasília: FNDE, 2015. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/pnae>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Alimentação e Nutrição*. 2. ed. rev. e atual. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. (Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_alimentacao\\_nutricao.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_alimentacao_nutricao.pdf). Acesso em: 21 jul. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Alimentação e Nutrição*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013a.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Marco de referência em Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas*. Brasília: Ministério da Saúde, 2012a.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES nº 6, de 19 de outubro de 2017. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Nutrição. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 203, p. 17-19, 20 out. 2017.
- BROUGÈRE, G. *Brinquedo e cultura*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- COSTA, N. M. B.; PINHO, L. De. Metodologias ativas no ensino de nutrição: contribuições para uma educação crítica e reflexiva. *Revista Brasileira de Educação*, Brasília, v. 14, n. 40, p. 85-95, 2009.
- FAUSTINO, L. S. et al. A ludicidade como estratégia de ensino na educação alimentar: revisão integrativa. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 4, p. 1231-1242, 2022.
- FERREIRA, Ana Paula Porto Noronha; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Ludicidade e saúde mental: uma perspectiva terapêutica. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 13–21, 2008.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



GORSKI, Mônica Eduarda; CAPUTO, Eliana Aparecida. Educação alimentar e nutricional com enfoque lúdico: revisão de literatura. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, São Paulo, v. 14, n. 88, p. 604–611, 2020.

LIMA, M. A constituição histórica da Educação Alimentar e Nutricional no Brasil: uma análise crítica. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 1-9, 1998.

MONTEIRO, C. A. et al. Ações de educação alimentar e nutricional no Brasil: evolução e desafios. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 1-10, 2012.

OLIVEIRA, M. L. Educação infantil e a ludicidade: o brincar e o aprender. *Revista Brasileira de Educação*, Brasília, v. 17, n. 51, p. 103-119, 2012.

OLIVEIRA, Fabíola de Oliveira e Silva et al. Materiais instrucionais lúdicos e educativos no ensino de ciências: uma proposta metodológica. *Revista de Ensino de Ciências e Matemática*, v. 12, n. 5, p. 1–19, 2021. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/index.php/rcm/article/view/1314>. Acesso em: 21 jul. 2025.

SANTOS, M. E. et al. Práticas lúdicas na promoção da saúde e alimentação saudável em ambiente escolar. *Revista Brasileira de Saúde Escolar*, v. 9, n. 2, p. 45-53, 2018.

SANTOS, Gabriella de Oliveira. *História da nutrição no Brasil*. 2022. Disponível em: <https://www.novaconcursos.com.br/portal/artigos/historia-da-nutricao-no-brasil/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

SILVA, Cintia de Souza. *A importância da ludicidade na Educação Infantil*. 2012. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-ludicidade-na-educacao-infantil.htm>. Acesso em: 21 jul. 2025.

SILVEIRA, Isabela Oliveira da. *A importância do brincar na infância e na fase adulta*. 2017. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/psicologia/a-importancia-brincar-na-infancia-na-fase-adulta.htm>. Acesso em: 21 jul. 2025.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

## **ANEXOS E APÊNDICES**

### **APÊNDICE 1 – FICHA DE CATALOGAÇÃO DOS MATERIAIS INSTRUCIONAIS LÚDICOS E EDUCATIVOS (MILES)**

Este apêndice apresenta um modelo e exemplos de fichas de catalogação utilizadas para registrar e organizar os Materiais Instrucionais Lúdicos e Educativos produzidos na disciplina de Educação Alimentar Nutricional 1.

## FICHA DE CATALOGAÇÃO DO MATERIAL INSTRUCIONAL LÚDICO E EDUCATIVO (MILE)

<b>Campo</b>	<b>Descrição</b>	<b>Preenchimento</b>
<b>Título do Material</b>	Nome completo do material produzido.	Dados Bem Nutridos
<b>Autor(es)</b>	Nomes dos integrantes do grupo.	Grupo X
<b>Disciplina/Curso</b>	Identificação da disciplina e do curso.	Educação Nutricional 1 / Nutrição - UFPE
<b>Conceito-chave</b>	O principal conceito da EAN abordado.	Grupos de Alimentos e Pirâmide Alimentar
<b>Objetivo Pedagógico</b>	O que o material se propõe a ensinar.	Ensinar de forma lúdica sobre os diferentes grupos alimentares, a importância da variedade e das porções na dieta diária.
<b>Descrição do Material</b>	Breve descrição da estrutura, design e funcionamento do material.	Jogo de dados com cores que correspondem a diferentes grupos de alimentos. O jogador lança os dados e deve montar um prato ou refeição balanceada com base nas cores obtidas.
<b>Público-alvo</b>	Faixa etária ou público específico.	Crianças de 6 a 10 anos
<b>Recursos e Materiais</b>	Lista dos materiais usados para a confecção.	Dados de EVA coloridos, fichas de alimentos plastificadas, cestinha para sorteio de alimentos.
<b>Tempo de Aplicação</b>	Duração estimada da atividade.	20 a 30 minutos

### Outros exemplos de materiais catalogados:

- **Título:** Caminho da Escolha Saudável



- **Conceito-chave:** Hábitos alimentares saudáveis e escolhas conscientes.
- **Descrição:** Tabuleiro de jogo de percurso com desafios e perguntas sobre nutrição.
- **Público-alvo:** Pré-adolescentes e adolescentes.
- **Título:** Jogo da Força Nutricional
  - **Conceito-chave:** Reconhecimento de alimentos e seus nutrientes.
  - **Descrição:** Variação do jogo da forca com palavras-chave relacionadas a alimentos e nutrição.
  - **Público-alvo:** Todas as idades.

## APÊNDICE 2 – ROTEIRO DAS OFICINAS DE PRODUÇÃO DE MILES

Este apêndice apresenta o roteiro e a estrutura das oficinas de produção de Materiais Instrucionais Lúdicos e Educativos, realizadas durante a disciplina de Educação Alimentar Nutricional 1.

### ROTEIRO DA OFICINA DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS LÚDICOS E EDUCATIVOS

- **Objetivo:** Capacitar os estudantes do Curso de Nutrição para a criação e aplicação de materiais pedagógicos lúdicos, inovadores e eficazes em Educação Alimentar e Nutricional (EAN).
- **Duração:** Três encontros de 50 minutos cada.
- **Metodologia:** Abordagem teórico-prática, utilizando a pedagogia freiriana de reflexão-ação-reflexão.

#### Encontro 1: Sensibilização e Planejamento

- **Atividade 1:** Roda de conversa sobre a importância da ludicidade na EAN, com base nas referências teóricas da disciplina.
- **Atividade 2:** Dinâmica de brainstorming em grupos para definição dos temas e públicos-alvo para os MILES.
- **Atividade 3:** Apresentação de protótipos e desenhos iniciais dos materiais.

#### Encontro 2: Produção

- **Atividade 1:** Confeção dos MILES, com acesso a diversos materiais (EVA, cartolinas, tintas, tesouras, cola, etc.).
- **Atividade 2:** Orientação e apoio da professora e monitores para a finalização dos projetos.

### **Encontro 3: Apresentação e Avaliação**

- **Atividade 1:** Apresentação dos MILES por cada grupo para o restante da turma.
- **Atividade 2:** Avaliação coletiva e discussão sobre o potencial pedagógico, a aplicabilidade e as possíveis melhorias em cada material.
- **Atividade 3:** Entrega dos MILES para catalogação e inclusão no acervo da Ludoteca de EAN.

## **ANEXO 1 – FOTOGRAFIAS DOS MATERIAIS INSTRUCCIONAIS LÚDICOS E EDUCATIVOS (MILES)**

Este anexo conteria as fotografias dos materiais produzidos pelos estudantes. As imagens devem ser claras e em alta resolução, apresentando os seguintes materiais:

- **Fotografia 1:** Jogo "Dados Bem Nutridos" (apresentando os dados coloridos e as fichas de alimentos).
- **Fotografia 2:** Jogo "Caminho da Escolha Saudável" (mostrando o tabuleiro e as peças do jogo).
- **Fotografia 3:** Jogo "Força Nutricional" (com o quadro e exemplos de palavras).
- **Fotografia 4:** Jogo "Alvo Nutricional" (mostrando o alvo e as fichas de alimentos para arremesso).

## **ANEXO 2 – INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO**

Este anexo apresentaria o formulário utilizado para a avaliação dos Materiais Didáticos Lúdicos e Educativos, preenchido pelos próprios estudantes ou pelo professor.

## **FICHA DE AVALIAÇÃO DE MATERIAL INSTRUCCIONAL LÚDICO E EDUCATIVO (MILE)**

- **Título do Material:** \_\_\_\_\_
- **Autor(es):** \_\_\_\_\_

- **Avaliador(a):** \_\_\_\_\_

**CrITÉRIOS de Avaliação:**

1. **Relevância do Tema:** O tema abordado é pertinente à EAN?
  - ( ) Sim ( ) Não ( ) Parcialmente
2. **Qualidade do Material:** O material é durável e bem-acabado?
  - ( ) Sim ( ) Não ( ) Parcialmente
3. **Potencial Educativo:** O material facilita o aprendizado do conceito-chave?
  - ( ) Sim ( ) Não ( ) Parcialmente
4. **Nível de Engajamento:** O material é atrativo e estimula a participação?
  - ( ) Sim ( ) Não ( ) Parcialmente
5. **Aplicação:** O material é de fácil aplicação e compreensão?
  - ( ) Sim ( ) Não ( ) Parcialmente

**Sugestões de Melhoria:**